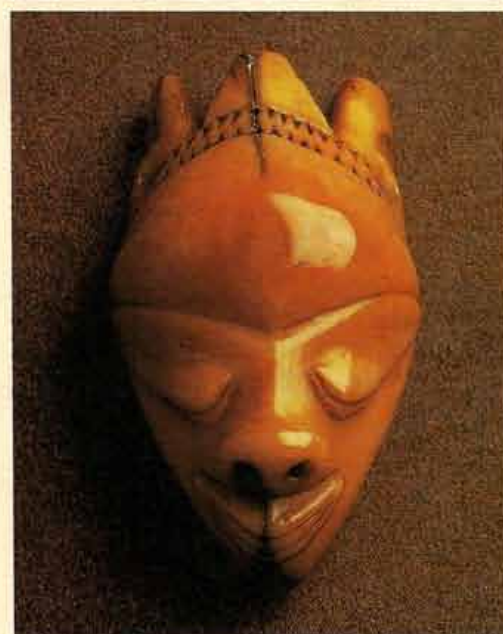
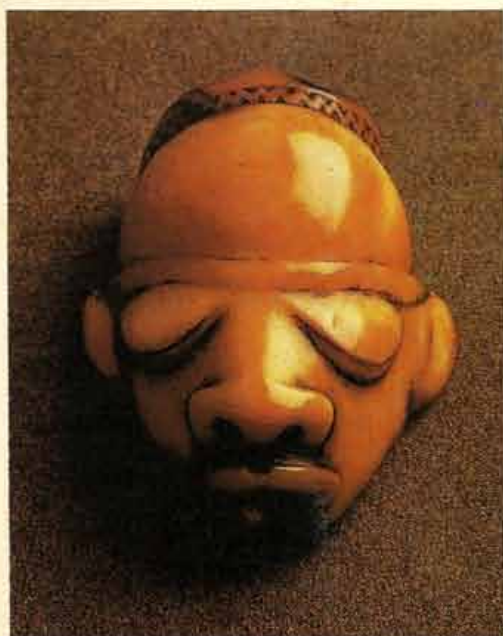




# Thot

UMA PUBLICAÇÃO  
TRANSDISCIPLINAR DA  
ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA  
Nº 62 - 1996



## EM DIREÇÃO À ÁFRICA

---

Espiritualidade nas escolas

---

Criança e futuro na psichistória

---



## **ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA**

### **CENTRO DE ESTUDOS FILOSÓFICOS**

Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Paraíso - São Paulo - SP  
CEP 04003-010 - Fones: (011) 288.7356 e 283.0867



### **GRÁFICA E EDITORA PALAS ATHENA**

Rua Serra de Paracaina, 240 - Cambuci - São Paulo - SP  
CEP 01522-020 - Fones: (011) 279.6288 e 270.6979



### **CENTRO PEDAGÓGICO CASA DOS PANDAVAS**

Bairro do Souza, 551 - Município de Monteiro Lobato - SP  
CEP 12250-000 - Fone: (012) 973.9061



### **CENTRO DE ESTUDOS PALAS ATHENA (Bauru)**

Rua 13 de Maio, 12-16 - Bauru - SP  
CEP 17015-450 - Fone: (0142) 23.4424



### **CENTRO DE ESTUDOS PALAS ATHENA (Santos)**

Rua Joaquim Távora, 80 - Santos - SP  
CEP 11065-300 - Fone: (013) 234.1871





THOT é uma publicação da Associação Palas Athena. Seu nome é a forma grega de uma antiga divindade egípcia padroeira dos escribas e dos matemáticos, criadora da escrita, fundadora da ordem social, intérprete e conselheira dos deuses. Geralmente representado com a cabeça de íbis, Thot manifesta a essência do pensamento criador.

THOT nº 62 - março 1996  
tiragem: 2.500 exemplares

**Editores:** Associação Palas Athena do Brasil, Basilio Pawlowicz, Humberto Mariotti, Lia Diskin, Primo Augusta Gerbelli, Roberto Ziemer, Ubiratan D'Ambrosio - **Edição de Texto:** Edvaldo Pereira Lima - **Revisão:** Lucia Benfatti Marques, Lucia Brandão S. Moufarrige, Therezinha Siqueira Campos - **Equipe Thot:** Carmen Fischer, Collaço Veras, Daniela Moreau, George Barcat, Isabel Cristina M. de Azevedo, Maria Léa Schwarcz, Maria Teresa Bryg, Verônica Rapp de Eston, Yara Bonomo, Yone A. Guimarães Pitto **Capa:** Takeshi Assaoka - **Diagramação e Editoração Eletrônica:** Maria do Carmo de Oliveira - **Fotolitos capa:** Reflexo - **Fotolitos miolo:** Binhos - **Produção:** Emilio Moufarrige, Sérgio Marques - **Impressão e Distribuição:** Gráfica e Editora Palas Athena - **Assinaturas:** Lucia Benfatti Marques - **Colaboradores:** José Luiz Martinez (Finlândia), Leo Matos (EUA), Alex Berzin (Índia), Conrad Richter (Canadá), Henryk Skolimowski (EUA).

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permitida a reprodução, citando a origem. Os números atrasados são vendidos conforme a última tabela de preços publicada pela Editora Palas Athena. Periodicidade: trimestral. Assinatura por quatro números - Pedidos em nome da Associação Palas Athena do Brasil - Rua Leôncio de Carvalho, 99 - São Paulo - SP - CEP 04003-010 Fones: 288.7356 e 283.0867. A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores. Matrícula nº 2046, Registro na DDCP do Departamento de Polícia Federal sob nº 1586 P 290/73.

## Idéias e tradições africanas

No livro *Competindo pelo Futuro*, os professores Hamel e Prahalad contam um interessante experimento realizado com macacos.

Numa sala, em cujo centro estava instalado um mastro com um cacho de bananas no alto, colocaram quatro macacos. Um deles, afoito, escalou o mastro com o propósito de alcançar as bananas. Quando já estava próximo, uma ducha de água fria despenhou sobre sua cabeça. Visivelmente desapontado, o macaco desceu do mastro.

Os outros macacos, um de cada vez, tentaram chegar até as bananas. Mas a água fria sempre os recebia antes de atingirem o propósito.

As tentativas repetiram-se várias vezes. Finalmente os quatro desistiram das bananas.

Um dos macacos foi retirado da sala e substituído por outro. Este iniciou a subida no mastro. Os outros três, que originalmente estavam na sala, o desencorajaram impedindo sua escalada. Novas tentativas foram iniciadas e, apesar de não ter recebido nenhuma ducha fria, o novo macaco abandonou a empreitada.

De maneira sucessiva os três macacos restantes foram substituídos por novos e a cena sempre se repetia: tentavam, eram desencorajados e desistiam, embora nenhum houvesse recebido a ducha fria, que já havia sido desativada.

Talvez muitos dos nossos preconceitos - conscientes e inconscientes - tenham uma origem semelhante, e sabemos que eles não se restringem à esfera das crenças. Permeiam todo o nosso saber, querer, sentir e agir.

Refletindo sobre isto, nos deparamos perplexos com o fato de nunca termos publicado uma matéria sobre cultura ou tradições africanas, embora a nossa revista já tenha mais de vinte anos. Em busca de reparação, iniciamos conversas e pesquisas que nos conduziram a um universo de idéias e tradições de grande riqueza. Riqueza que, nesta edição, começamos a compartilhar com vocês.

Os Editores

### ÍNDICE

Entrevista com Lloyd deMause Roberto Ziemer	2	Antigos novos gnósticos Nestor Reinoldo Müller	34
Espiritualidade nas escolas Ubiratan D'Ambrosio	10	Epifanias Diálogo Zen	44
Em direção à África Daniela Moreau	14		
Nova Délhi em ritmo de aventura José Luiz Martinez	21		
Painel informativo	26		
A casa Paulo Bomfim	28		

Capa: Alguns povos do Zaire usam pequenos pendentes que representam faces e figuras ancestrais, aos quais atribuem a capacidade de reter os poderes da morte e uma valiosa fonte de proteção. Pendentes na forma de máscaras usados ao redor do pescoço são conhecidos como *ikhoko*. Para os homens eles oferecem proteção e força durante os rigores da iniciação e mais tarde são uma recordação dos códigos morais aprendidos nessa ocasião.  
Fotos: Bruno Piazza, da obra *Africa Adorned*, de Angela Fisher, Harry N. Abrams, Inc., Publisher, Nova York, 1984.

ENTREVISTA COM LLOYD DE MAUSE

---

ROBERTO ZIEMER

## PSICOHISTÓRIA UNE CRIANÇA E FUTURO

Inovador, desconcertante, Lloyd deMause abre extraordinário leque de compreensões sobre a patologia coletiva expressa nos meios de comunicação de massa. Revê a história para reeducar o mundo na proteção da criança, passaporte esperança de um futuro redentor.



Foto da Fredholm Foundation



Estudar Lloyd deMause é uma viagem gratificante. Instigante. Suas idéias lançam reflexões profundas sobre a natureza humana e as instituições do homem. Sobre as conseqüências desastrosas das nossas primeiras experiências traumáticas, por exemplo, as uterinas e as da infância. Ao retomar o conceito de trauma, trabalha a hipótese de que essas experiências – por estarem tanto emocionalmente carregadas como distantes da consciência – se tornam uma fonte importante para as questões da violência individual e coletiva.

Seu talento já aparecera publicamente ao analisar o imaginário coletivo – através de capas de revistas, charges de jornais, cobertura da mídia, discursos de políticos, filmes e livros –, identificando

com precisão os temas psicoemocionais que durante um certo período influenciaram os interesses e o “clima” (*mood*) dos Estados Unidos, norteados as ações dos grupos de poder. Exemplo disso foi quando deMause e seus alunos conseguiram antecipar, em algumas semanas, o atentado a Reagan e a guerra com o Iraque.

Seus interesses são amplos. Passam pela história da infância, por sua influência sobre líderes políticos, pela evolução das fantasias de grupo, pelas origens fetais da história e pela guerra como um ritual de passagem. Comenta o psichistoriador Henry Lawton: “as idéias de deMause são freqüentemente provocativas e desconcertantes, mesmo radicais, mas sempre baseadas numa erudição profunda”.

**ROBERTO ZIEMER** – *Qual é sua trajetória pessoal e profissional? O que o levou a se interessar pela psicohistória?*

**LLOYD deMAUSE** – Comecei como cientista político na Columbia University, Nova York. Ao estudar o período nazista na Alemanha e tantas outras loucuras da política – num período em que eu estava em terapia –, comecei a perceber que a psicologia profunda poderia ser utilizada para compreender a dimensão social. Então fiz treinamento no Instituto de Psicanálise para me tornar psicanalista e tentar juntar esses dois campos. Infelizmente, o Instituto disse: “Se você quiser apenas analisar a Alemanha nazista e não pacientes individuais, deve sair daqui, não pode se graduar”. Ao mesmo tempo, a Columbia disse: “Se você quiser trazer a psicanálise, ou qualquer coisa relativa a terapia, ao departamento de ciências políticas, vamos ter que dizer adeus, pois pensamos que isso é bobagem. Algo que não entendemos e não queremos aprender”.

Ao tentar combinar esses dois campos de conhecimento – psicologia profunda e história política –, não encontrei lugar. Foi a mesma coisa quando Freud começou a psicanálise, fundando os institutos fora das universidades. Essa situação continua igual. Ainda hoje não são oferecidos cursos sobre psicanálise na Columbia University, como há cem anos. Então, iniciar minhas atividades em psicohistória foi uma questão de necessidade, e não de começar algo novo.

Dou aulas regulares em cursos de graduação. Meus livros e publicações são utilizados em muitos cursos superiores. Mas os professores universitários não são muito abertos às idéias da psicohistória. A maioria dos assinantes da revista que edito (*The Journal of Psychobiography*) são psicoterapeutas, e não acadêmicos.

Fundi uma editora para publicar meus livros e artigos. Já escrevi cerca de cem artigos científicos e sete livros. E nenhum deles foi aceito por editoras, publicações





científicas ou universitárias. Não me queixo em relação a isso. Todo inovador já leva em conta que seu trabalho será inicialmente rejeitado. É compreensível, mas o que incomoda é despendar tanto tempo para datilografar esse material, imprimi-lo, levá-lo aos leitores, editar uma revista. Assim, grande parte do meu trabalho está direcionado em publicar, ao invés de escrever minhas pesquisas. Continuo pesquisando em bibliotecas, mas estou em atraso para escrever três livros. Agora que passei dos 60 anos, quase me aposentando, espero ter mais tempo para escrever!

**RZ** – *Essa é a única razão de ter iniciado a área da psichistória?*

**LdM** – Bem, comecei estudando antropologia com Margareth Mead e percebi que ela tampouco queria estudar o que me interessava. Desse modo, fui rejeitado tanto pelas “doutrinas” quanto pelas disciplinas científicas. Na verdade, não comecei a psichistória. Freud e Eric Erikson começaram há muito tempo antes de mim. O estudo de Freud sobre Leonardo da Vinci, e o de Erikson sobre Gandhi e Lutero são antecedentes significativos, mas o estabelecimento formal da Associação Internacional de Psichistória e da revista foi uma realização pessoal por uma questão de necessidade – que é a mãe da invenção!

**RZ** – *O que o levou a estudar a condição infantil, em especial a violência contra a criança?*

**LdM** – Hoje existe uma área de estudos dedicada inteiramente a essa questão. Mas quando comecei a pesquisar o tema, no começo da década de 60, acreditava como Freud que “quanto mais se volta no passado, tanto menos repressão social se encontra”. No seu livro *O Mal-Estar da Civilização*, ele declara que quanto mais a civilização avança, maior a necessidade de reprimir os instintos básicos. Então, remontando ao passado, esperava encontrar em minhas pesquisas pessoas mais felizes e menos reprimidas.

Iniciei o estudo da história da infância antes mesmo de Philip Ariés, historiador francês que tinha as mesmas crenças de Freud sobre o assunto. Ele se dedicou especificamente à infância na Idade Média e concluiu que ela era maravilhosa, que a criança participava de todas as atividades dos adultos, mesmo das erótico-sexuais. Quando o rei Luis III chegou em casa e levou seu filho para a cama, este saiu logo para fora do quarto e disse: “Ei, meu pai tem um pênis desse tamanho!” E Ariés comentou: “Isso é maravilhoso. E vocês psicanalistas não venham criar uma história a respeito, pois todo mundo fazia a mesma coisa”.

Entretanto, fiquei perplexo ao perceber que quanto mais retrocedia no passado, mais molestações sexuais, mais abandono, mais surras encontrava. As crianças eram enfaixadas desde o começo de suas vidas até os dois anos, o que gerava uma distorção grave em suas personalidades. Isso foi realmente uma surpresa! Foi o material empírico dessas pesquisas que me levou a tais conclusões. Uma década depois é que a comunidade terapêutica americana descobriu que existia abuso infantil numa proporção muito maior do que aquela que se imaginava até então. Há vinte anos atrás se imaginava que uma entre dez mil crianças havia sido abusada, enquanto hoje já se admite que metade das crianças é vítima de abuso físico, emocional ou sexual.

Minhas descobertas não vieram de observações do mundo externo, mas de anos de pesquisa em bibliotecas. Foi muito importante não estar vinculado a nenhuma universidade, pois minha pesquisa poderia ter sido desviada pelas teorias em voga naquela época.

**RZ** – *Então suas pesquisas contestam aquilo que aprendeu através de Freud e Margareth Mead?*

**LdM** – Cada um deles tinha sua própria programação pessoal (*own agenda*) e deixaram certas coisas para trás. Freud e a psicanálise poderiam ter reconhecido a



realidade do abuso sexual. Quando Ana O. ficou apaixonada por Freud e Breuer, eles poderiam ter dito: "Talvez Janet tenha razão! A sedução sexual está na base da neurose moderna, especialmente a histeria". Infelizmente não o fizeram, nem seus seguidores. Como demonstra Alice Miller, se perderam. E quando descobrimos isso, foi uma questão de "voltar aos trilhos".

**RZ** – *Quanto ao abuso sexual infantil, poderia falar mais sobre a sua posição e a de Alice Miller, em comparação com a psicanálise tradicional?*

**LdM** – Freud nunca duvidou dos relatos que seus pacientes faziam de casos de abuso sexual aos oito, nove anos. O que ele duvidava é que houvesse casos anteriores de sedução e abuso que o paciente tivesse esquecido, pois apenas o material inconsciente pode realmente causar conflitos. Contudo, alguns de seus discípulos se orientaram com isso para concluir: se um paciente diz ter sido seduzido, não acredite, pois provavelmente é fantasia. A partir daí, alguns poucos psicanalistas continuaram a acreditar na realidade do abuso sexual, entre eles Ferenczi e Winnicott. Este último era um pediatra e sabia o que acontecia através do contato direto com seus pacientes. Mas grande parte dos institutos de psicanálise ainda ensinam que as cenas de abuso ou sedução sexual que um paciente recorda devem ser vistas como fantasia.

**RZ** – *Ou ainda, muitos psicanalistas interpretam dizendo que o paciente desejava esse tipo de relação.*

**LdM** – As crianças realmente desejam um envolvimento sensual com seus pais. Mas isto não quer dizer que essas memórias sejam apenas fantasias. Existem memórias que são fragmentadas, que precisam ser mais investigadas. Outras que estão misturadas a situações atuais de vida. Outras ainda que estão conectadas à sedução por "figuras indistintas" e, repentinamente,

essa figura se torna "papai", o que é amedrontador para quem está participando de um processo terapêutico. O modelo de trauma da psicoterapia voltou a estar em voga, e isso é muito bom. A reencenação dos episódios traumáticos na vida diária é uma das bases do meu trabalho em psichistória.

**RZ** – *Como chegou a relacionar esse material clínico com a vida social, política?*

**LdM** – Bem, a primeira coisa que impressiona na história é o seu nível de loucura. Quando uma nação toma vinte anos de sua existência para assimilar judeus em sua sociedade – como fez a Alemanha nas décadas de 20 e 30 – e, apreciando o progresso e a prosperidade que essa comunidade trouxe ao país, de repente enlouquece, dizendo que os judeus estão envenenando a Alemanha, você começa a se perguntar: "O que está acontecendo?" Começa a analisar o material clínico, pois a coisa é por demais bizarra. Quando olha mais profundamente no material clínico, percebe que muito disso ainda ocorre hoje, faz parte da vida diária, da política, da economia, da religião. Então começa a notar coisas que outros cientistas sociais ignoraram.

É parte da minha técnica de análise da fantasia atual coletar milhares de capas de revistas, jornais, charges (material visual) para detectar os temas em determinados momentos. Por exemplo, durante dois ou três meses as imagens apontaram para o fato de que os EUA estavam sob o poder de mulheres sedentas de sangue, com uma faca na mão, prontas para nos (homens) castrar. Elas apareceram na forma de Lorena Bobbitt, Hillary Clinton, ou outras figuras públicas. De repente ficamos completamente obsessivos com mulheres perigosas. Mulheres sedentas de sangue aparecem algumas vezes em sonhos mas, inesperadamente e de forma incessante, surgiram durante alguns meses na mídia americana. E de golpe pararam. Completamente.

**Remontando ao passado esperava encontrar pessoas mais felizes e menos reprimidas.**



**As  
fantasias da  
nação "falam"  
de traumas  
compartilhados de  
forma coletiva  
e inconsciente.**

O que aconteceu? O.J. Simpson tomou a faca dessa terrível mãe castradora e enfiou na garganta de sua ex-mulher. Nesse mesmo período Bill Clinton declara guerra ao Haiti. A mensagem é clara. Nós, homens, não vamos aceitar esta situação. Vamos pegar essa faca e usar contra outros. E desde então está ocorrendo neste país uma grande rebelião política. Já não existem mais imagens de mães monstruosas na mídia. Ao invés, Newton Gringrich, nosso novo líder, apresenta posturas de macho. Vai e sacrifica meninos e meninas através do corte de despesas para adolescentes grávidas e do programa social para desempregados. Você pode ser um freudiano, ou junguiano, mas não pode negar essa avalanche de imagens e seus significados. Coletar as fantasias da nação, principalmente através das imagens que aparecem na mídia, é muito importante, pois representa um material psíquico de relevância, pré-verbal, de um período anterior aos dois ou três anos, quando grande parte dos traumas já se estabeleceu. Isto significa que essas imagens falam de traumas que ocorreram nos primeiros anos de vida, ou mesmo durante a gestação, que são agora compartilhados de forma coletiva e absolutamente inconsciente. Quando você percebe que o material visual está associado a imagens de nascimento, pré-natais, então é forçado a saber mais sobre a vida do feto a partir do material empírico.

**RZ** – *Como os estágios perinatais são reativados no plano social?*

**LdM** – O primeiro ciclo de fantasias de grupo está relacionado ao ciclo da liderança. Nesse estágio o líder é um tipo de útero da nação. Ele não é um "papai". Nunca é. Ele é uma "mamãe". É o receptáculo de nossa vida emocional cindida e contaminada. No primeiro ano de seu mandato, o líder é visto como forte, como aquele que controla, que comanda. O país é seguro, e os outros países não são percebidos como ameaçadores. As imagens do governante o mostram como num

Olimpo, "acima de nós", isto é, o povo é visto como tendo dois anos de idade e ele é o "Todo-poderoso". Esta é a fase forte. Está relacionada ao período estável dentro do útero, que precede o início das contrações, quando as condições para o feto são geralmente próximas às ideais. O número de traumas nesse período é relativamente pequeno.

O segundo ano do governo é chamado de fase de desintegração. As imagens do presidente na mídia o mostram ruindo. A popularidade começa a decair e você a questionar se ele é um receptáculo seguro para as suas emoções (as do povo). Se ele é capaz de encontrar bodes-expiatórios apropriados e um lugar para você projetar os seus sentimentos ruins. Essa fase está relacionada ao começo das contrações e do nascimento.

A terceira fase é chamada de fase do colapso. O presidente, ou o país, é visto como entrando em colapso. Começam a proliferar inimigos externos e a necessidade de enviar as forças armadas para a Líbia, Haiti, ou qualquer outro lugar. E então, relacionada ao próprio nascimento, há uma fase de rebelião. É a necessidade de lutar para sobreviver, de poder respirar e não morrer sufocado. Mesmo que nada esteja acontecendo, você precisa de bodes-expiatórios para esses sentimentos. Você pode ter uma guerra e matar pessoas no estrangeiro. Ou então criar um inimigo interno, causar uma recessão econômica e matar crianças, mulheres, minorias, pessoas pobres, ou matar o presidente. Se o presidente, nesta fase, não quer entrar numa guerra (como foi o caso de Kennedy no conflito com Cuba), e se o país vive uma prosperidade econômica, nós o matamos. Esta é uma forma de mudar o próprio receptáculo de nossas emoções envenenadas.

**RZ** – *Se as energias perinatais têm tamanha influência sobre a dinâmica do comportamento coletivo, o que pode ser feito para reduzir seu impacto?*





**LdM** – Primeiramente, ter um conhecimento maior sobre a vida intra-uterina. A ciência está começando a saber mais sobre a vida do feto e a experiência do nascimento. Está diminuindo sensivelmente o número de complicações de parto, que mais tarde são reativadas no plano coletivo. Por exemplo, um estudo europeu demonstrou que crianças que não foram desejadas por suas mães têm uma tendência quatro vezes maior de se envolver com violência juvenil do que crianças que não fazem parte desse histórico perinatal. Se for diminuído o nível de dor e sofrimento no período perinatal, obviamente diminuirá a violência posterior.

E finalmente, se houver bons cuidados infantis – mesmo que tenha ficado certo nível de stress perinatal –, isso cria uma condição positiva, confortadora, que abrandará o trauma do nascimento. A criança nasce com toda a angústia da morte e do sufocamento, mas cuidados posteriores, principalmente do tipo afetivo e físico, tendem a dissipar grande parte dessa angústia, criando a possibilidade de experimentar este mundo como um lugar seguro.

Assim, modificar a experiência do feto e da criança nos primeiros anos de vida é a resposta duradoura. Mas, até que consigamos realizá-lo, é importante ao menos compreender na área social os ciclos de “fantasias de vingança” pela dor que sofreremos. De outra maneira podemos mesmo não sobreviver. Olhe as armas cada vez mais terríveis, cada vez com maior poder de destruição... Talvez não tenhamos uma chance de melhorar a vida do feto e da infância.

**RZ** – Neste sentido, poderia contar algo sobre a experiência que está sendo feita em Boulder, no Colorado?

**LdM** – Foi estabelecido, com muito pouco dinheiro, um centro de apoio aos pais, no qual toda a comunidade – de forma voluntária – oferece o seu tempo. Entram em contato com toda família que esteja

para receber um bebê e lhe dão suporte perinatal e aconselhamento de como cuidar de uma criança durante os três primeiros anos de vida. Ajudam mães que estão sobrecarregadas, ou que têm alguma propensão para rejeitar os seus filhos ou abusar deles. Mulheres que tiveram filhos recentemente também participam.

**RZ** – *Que tipo de ajuda essas mães recebem?*

**LdM** – Muitas vezes é apenas dar apoio para que elas possam ser mães. Outras, é oferecer indicações de psicoterapia, principalmente no caso de depressão e outros estados emocionais que possam ser ativados pelo parto. Nessa área de Boulder, os casos de abuso físico e sexual de crianças caíram para zero após alguns meses do programa. Existem outras pessoas interessadas em levar para frente programas semelhantes que, a um baixo custo, modificam a situação da violência infantil. Essa situação consome verdadeiras fortunas com psicoterapeutas, polícia, prisão, guerras, tentando contornar um problema que já foi consumado, e que está agora localizado nas camadas mais profundas do cérebro.

**RZ** – *Qual a relação entre a violência e o processo de nascimento?*

**LdM** – Em nível evolucionário os seres humanos são, quanto à região límbica do cérebro, como todos os outros mamíferos. Somos primatas, temos origem em outros primatas e funcionamos de uma forma que é muito parecida com a deles. Quando esses primatas sofrem dor, não conseguem se libertar dela, principalmente se a situação ocorreu no início de suas vidas.

Mas os seres humanos têm um grande córtex e outros centros cerebrais que permitem rever essa situação. Podemos reconhecer que já não somos crianças pequenas, que o perigo já passou, que podemos cuidar de nós mesmos. Mas esse sistema de memórias emocionais que guarda experiências do começo de vida está muito



**Não critico ou desprezo nenhuma escola terapêutica ou psicológica. Todas têm algo a ensinar.**

isolado, separado – em termos de estruturas cerebrais – do sistema de memória conceitual que utilizamos no dia-a-dia. O primeiro está localizado na região do cérebro chamada amígdala, enquanto o segundo está no hipocampo. São duas regiões diferentes. Conectá-las é muito difícil. Infelizmente, os primeiros traumas ficam “adormecidos”, enquanto os traumas posteriores vão se empilhando sobre eles. Se você quer curar uma pessoa, não há como evitar o confronto com essas memórias. Aqueles que sofreram traumas profundos desenvolvem “personalidades múltiplas”, causadas pela cisão dessas memórias traumáticas primordiais, que se transforma então em uma estrutura de personalidade própria. Há pessoas que têm personalidades cindidas, chamadas personalidades “alteradas” (“alter”), que simplesmente consistem de um grito – que pode se prolongar por trinta anos. Se o indivíduo ganha consciência dessa personalidade, percebe um grito contínuo em sua mente, em consequência, por exemplo, de um estupro. E essa experiência continua, porque é muito difícil modificar memórias traumáticas dos primeiros anos de vida – inclusive perinatais. O processo de cura, como sugerido pela técnica do “grito primal” de Janov, é, em geral, muito doloroso, e nós evitaríamos encará-lo. Assim, não é fácil pegar uma “nação traumatizada” e curá-la. Por isso é muito mais fácil prevenir, de maneira que a próxima geração já nasça num outro patamar, e não tenha que lutar tanto com a sua própria história. Pessoas que tiveram problemas de nascimento, que foram rejeitadas, têm grande dificuldade em ter esperança. Elas sempre imaginam que uma coisa terrível vai desencadear-se a qualquer momento. A cada estágio da vida, algo ruim vai acontecer. Isso ocorre com maior intensidade ante a possibilidade de sucesso ou de terem experiências bem sucedidas. A não ser que consigam conectar-se com essas memórias, elas vão continuar lá, até o fim, influenciando suas vidas.

**RZ** – *Você acredita que novas terapias de base experiencial, como “bioenergética”, “regressão”, “renascimento”, podem modificar essas memórias emocionais iniciais?*

**LdM** – Eu gostaria que fosse assim, tão fácil. Confesso que não tenho muita esperança com a utilização de apenas essas técnicas. Trabalhei durante um ano e meio com a “terapia primal” e não acho que me ajudou muito. Acho que devemos combiná-las com abordagens mais tradicionais de terapia. Você deve ser capaz de confrontar e se libertar das dores emocionais do passado, mas também de ter insights sobre como elas estão influenciando a sua vida atual. Você deve ser capaz de dizer: “Eu me lembro! Fui abandonado”. Como eu mesmo fui e amarrado na lateral do berço para que, segundo meus pais, não pudesse me arranhar e machucar. Não é suficiente fazer isto. Hoje preciso perceber aquilo que me “amarra”, que me impede de ir avante. E trabalhar com transferência e muitas outras questões que aparecem numa análise. Por exemplo, perceber que imagino que você, meu terapeuta, me “prende”, não quer que eu me torne independente. Não critico ou desprezo nenhuma escola terapêutica ou psicológica. Todas têm algo a ensinar.

**RZ** – *Pode falar do seu trabalho atual, do seu próximo livro?*

**LdM** – Em *A Vida Emocional das Nações*, apresento as minhas mais recentes teorias sobre a sociedade através da análise de fantasias da mídia, que pode ser vista como uma análise do inconsciente coletivo. O que procuro demonstrar é o fato de que os nossos traumas emocionais iniciais, ao serem cindidos, são projetados sobre aquilo que chamo de “alter social”. Uma parte de nós é muito parecida com os “alters” de indivíduos com “personalidades múltiplas”, que contêm os traumas primordiais em uma forma pura, inalterada. Esses “alters” emergem em nós apenas sob a força de um transe coletivo, quando estamos sob o domínio do eu-social.



Quando jogamos futebol, começamos a recapitular os traumas prévios de nossa vida, nos chocando uns com os outros, causando ou recebendo dor, tentando atingir a rede, que é obviamente um símbolo de nascimento. E nos libertamos dessas situações através de fantasias de "heróis esportivos" (que são adulados), pois conseguiram nascer e se libertar do trauma (por nós). Esses grandes jogadores se tornam, então, modelos idealizados para aquilo que mais desejamos. Mais tarde na escola, e na vida, imaginando que fazemos parte da nação – que é igualmente uma ficção, uma fantasia de grupo – construímos outros heróis, que chamamos de "presidente", "heróis de guerra" etc. Aí vamos para a guerra, mas na forma de um "alter", de alguém com distúrbio de múltipla personalidade. Entramos num transe coletivo, numa sensação estranha de não se sentir responsável por aquilo que a sociedade faz. De fato, se produz uma cisão em nossa mente. "Eu, Lloyd deMause", um cara muito legal, que o cumprimenta, que o convida para almoçar, que compartilha suas pesquisas com você, é um cara muito diferente do soldado que utilizou armas para matar na Guerra da Coréia. Isso é parte de mim e, ao mesmo tempo, não é realmente parte de mim, de uma maneira bastante estranha. Esse é o meu "alter". Assim, permitimos que os políticos façam coisas, em nosso nome, que não faríamos como indivíduos. Por exemplo, diminuir a ajuda para aqueles que passam fome, criando políticas econômicas recessivas (que geram muito sofrimento), ou planejando revoluções e guerras. Enquanto isso ficamos imaginando que essas coisas "não estão realmente acontecendo", ou, pelo menos, não têm nada a ver conosco. As pessoas "lá fora" não estão realmente morrendo de fome ou necessidade. Quando invadimos um outro país, não são *realmente* pessoas que estão morrendo. Conspiramos coletivamente para negar que essa realidade existe.

O que procuro mostrar nesse livro é que

os políticos são indutores de transe, que na verdade nos colocam em transe, e que nos dão sugestões pós-hipnóticas que nós concretizamos. Por outro lado, permitimos que eles façam isso para que possamos nos libertar ou esquecer das memórias de nossos traumas. Pela primeira vez existe uma teoria da repetição do trauma na ação social. A maior parte das teorias sociais até hoje foram baseadas em Hobbes, uma visão unidimensional do homem. Acho que aprendemos muito nos últimos cem anos. E já podemos criar algo novo. ▲

#### BIBLIOGRAFIA

- deMause, Lloyd. *Foundations of Psychohistory*, Creative Roots, Nova York, 1982.
- ———. *Reagan's America*, Creative Roots, Nova York, 1982.
- ———. *Jimmy Carter and American Fantasy*, Psychohistory Press, Nova York, 1977.
- ———. *The New Psychohistory*, Psychohistory Press, Nova York, 1975.

#### THE INSTITUTE OF PSYCHOHISTORY

Realiza um congresso anual em Nova York, no mês de junho, onde são discutidas as pesquisas recentes sobre psichistória.

*The Journal of Psychohistory* é uma publicação trimestral do Instituto.

Assinatura anual: US\$ 48,00.

Lloyd deMause, P.O. Box 401,

New York, NY, 10024, U.S.A.

Telefone/Fax 001 212-799-2294.

ROBERTO ZIEMER é terapeuta corporal e transpessoal, mestre em Psicologia Social, consultor organizacional. Co-editor de *That*. Membro da Association for Study of Dreams e da World Business Academy. Ministra palestras sobre transformação humana e organizacional no Brasil e no exterior.



UBIRATAN D'AMBROSIO

# ESPIRITUALIDADE NAS ESCOLAS

O ensino religioso nas escolas apresenta distorções de enfoque, falta de propósito real. O problema é igual nas escolas públicas e nas confessionais. Aqui, uma proposta diferenciadora: focalizar amplamente a espiritualidade, ter como meta a Paz nas dimensões interior, social, ambiental e militar.



UBIRATAN D'AMBROSIO é doutor em matemática pela USP, professor emérito da UNICAMP, educador de ampla atuação nas universidades, organizações governamentais e não-governamentais do Brasil e do exterior.



A pré-escola, o 1º e 2º graus se organizaram, no Brasil e em todo o mundo, com um caráter propedêutico, sempre preparando para um outro estágio, sem jamais dar à prática educativa o caráter de completar uma etapa de formação com importância em si mesma. Deixo de lado o 3º grau, embora não seja fundamentalmente diferente.

O ensino de religião nas escolas deve ter essa característica de completar uma etapa. Nisso deve se assemelhar à educação iniciática, que nas sociedades modernas não só é ignorada mas muitas vezes reprimida. Sobre tudo no que se refere a sexo, a problemas existenciais – vida e morte – e a problemas associados às drogas, ela tornou-se tabu. Mas esses casos, particularmente sexo, são apenas algumas das muitas mudanças comportamentais que mereceriam ser discutidas nas escolas.

Embora todas as mudanças comportamentais estejam relacionadas, a transformação na espiritualidade dos jovens é aquilo que nos interessa de maneira mais direta e o que é, paradoxalmente, quase ignorado. Parece não se acreditar que o jovem tenha angústias e dúvidas existenciais. Não se percebe que muito do que não se admite – e mesmo se reprime – do comportamento juvenil está vinculado a crises de espiritualidade.

A forma de conhecimento que se transmite é disciplinar, seguindo currículos mais ou menos padronizados de acordo com as teorias dos conteúdos e com as teorias de aprendizagem vigentes. Essas teorias – epistemologias – e as teorias de aprendizagem são fortemente influenciadas pelo estruturalismo, última etapa do pensamento cartesiano, que tem caráter eminentemente propedêutico. Sobre tudo em aprendizagem, esse estruturalismo teve enorme prestígio com Piaget, depois Vygostky fica de moda no Ocidente. Agora começa uma nova moda com um arremedo de espiritualidade e ambientalismo de um lado, e de cinismo e arrogância do poder, de outro. Observe-se o desvario do presidente Chirac.

Esses modismos em educação sempre refletem a busca de alternativas sociais para corrigir os desvarios que resultaram da sociedade colonialista – degradação do homem –, imperialista – subordinação de culturas – e capitalista – uso abusivo e destrutivo de recursos naturais. Baseiam-se nos sistemas de explicações parciais e dominantes no momento, amparando-se em visões do mental, jamais do homem como um todo integrado no cosmos. Sistemas que resultam, portanto, de um modelo cultural e científico. Na ver-

dade, de um modelo de conhecimento que se construiu justamente para justificar os desmandos das eras colonialista, imperialista e capitalista.

Deve-se notar que a globalização do planeta se inicia com as grandes navegações. Não é de estranhar que esse momento seja o início do que se convencionou chamar “o mundo moderno”: ciência moderna – Descartes e Newton –, comportamento moderno – Descartes e Spinoza –, monetarismo e mercado modernos – Copérnico – e colonialismo moderno. Essas mesmas manifestações do moderno criaram setores de conhecimento cujo objetivo é justificar as ações. Surgiram epistemologias convenientes para justificar a ciência, sistemas filosóficos para justificar o comportamento, economia para justificar as operações associadas à produção e ao mercado, e história para justificar o colonialismo.

Ao longo da sua história, a humanidade tem procurado explicações sobre *quem é* – o homem tem-se acreditado o favorito de Deus –, *o que é* – tem-se acreditado um sistema complexo de músculos, ossos, nervos e humores –, *como é* – tem-se acreditado uma anatomia com vontade – e sobre tudo *quanto é* – e tem-se acreditado sem limitações à sua vontade e ambição. Distorções na maneira como o homem julgou a si próprio têm induzido a poder, prepotência, ganância, inveja, avareza, arrogância, indiferença. As violações da Paz, em todas as suas dimensões, são fundamentalmente resultado dessas distorções. Daí as violações da dignidade humana e a eliminação do indivíduo, a inviabilidade de uma sociedade equitativa e uma agressividade desmesurada contra a natureza. Jamais se tentou encarar o xis da questão: a própria questão do conhecimento, convenientemente fragmentado em disciplinas para justificar – desencorajando críticas – nossas ações em cada setor.

Acho que quem melhor descreveu as causas dessa situação foi Sri Aurobindo, quando disse: “Para a filosofia ocidental, uma crença intelectual fixa é a parte mais importante de um culto, é a essência de seu significado e o que o distingue dos outros. Assim, são crenças formuladas que fazem verdadeira ou falsa uma religião – uma teoria, uma filosofia, uma ciência –, de acordo com sua concordância ou não com o credo de seus críticos.” Ora, o que se ensina fica, portanto, esvaziado de reais possibilidades de crítica.

A crítica ampla é necessariamente holística. Porém a culminância do moderno acabou sendo uma fragmentação do homem em “componentes”: racional,



social, econômico. Parafraseando Allain Bloom, na sua excelente crítica *The Closing of the American Mind* (Simon and Schuster, Nova York, 1987), poderíamos dizer que aquilo que caracteriza o homem moderno é sua crença de ser o trabalho necessário para produzir bem-estar. É seguir suas inclinações com moderação, não porque seja moderado mas porque suas paixões são balanceadas e ele reconhece a racionalidade desse equilíbrio. É respeitar o direito dos outros para assim ter respeitados os seus. É obedecer a lei que ele próprio fez em seu próprio interesse. Na verdade, aí se reconhece a essência do apelo a trabalho e cidadania, tão comum nos dias de hoje, e que constitui a moral do comportamento que se procura inculcar nas crianças. Como diz Bloom, "Do ponto de vista de Deus ou dos heróis, nada disso é muito inspirador. Mas para os pobres, os fracos, os oprimidos – a maioria esmagadora da humanidade –, é a promessa de salvação". Isso é o que Bloom chama o caráter Lockeano do homem moderno.

Se atentarmos para o conhecimento associado a esse comportamento, notamos a inexistência de uma ética maior. O conhecimento progride sem o reconhecimento do valor intrínseco do indivíduo – *vale porque é*, não pelo como é –, da necessidade absoluta do outro – *sem o qual se decreta a extinção da espécie* – e da sua integração no cosmos – *como parte essencial de um todo*. Restabelecer isto parece prioritário, e é proposto na *ética da diversidade*:

1. RESPEITO pelo outro com todas as suas diferenças.
2. SOLIDARIEDADE com o outro na satisfação de necessidades de sobrevivência e de transcendência.
3. COOPERAÇÃO com o outro na preservação do patrimônio natural e cultural comum.

Há *respeito* não porque "modelei" o outro ao que me agrada, não porque ele me espelha, não porque o converti. Tudo o que mais nos tem chocado no comportamento do indivíduo e da sociedade é uma violação do item 1. Desde a educação castradora, magnificamente caricaturizada por Anthony Burgess no *Clockwork Orange*, até a desejada e procurada manipulação genética de seres humanos, o respeito vem pela transformação do outro, pela produção de um outro. Aceita-se o outro desde que se tenha convertido – e daí a origem das grandes violências de natureza religiosa e gremial.

A *solidariedade* com o outro não se manifesta apenas na satisfação de necessidades materiais. Não basta dar o pão, é necessário também dar o ombro para o outro chorar ou dançar e cantar nas necessidades emocionais. Comer, mas comer junto, comungar. Daí todo o sentido da eucaristia e de outras formas de agradecimento/sacrifício, da comida de santo depois do culto do candomblé. Não é apenas saciar a fome.

A *cooperação* corresponde ao "científico", se assim podemos chamar. Cooperação no sentido total é que deu origem ao *homo faber*: uma pedra lascada ou uma alavanca são modelos de cooperação homem-natureza. Alimentar-se é o mesmo. Uma vida – planta ou animal – se extingue para que a outra continue; uma célula é destruída para a sobrevivência da outra. Vida só é possível porque há cooperação no sentido mais amplo. Claro, isso tem profunda influência nos nossos modelos de comportamento.

As violações da Paz, em todas as suas dimensões, são fundamentalmente violações desses princípios éticos. Não tenho dúvidas sobre o quadro a seguir:



Isto é, para mim, ensino religioso. Vão perguntar: mas e os credos, onde está Deus, Cristo, Buda, ou os muitos outros? Naturalmente, a religião tem sido na história da humanidade, juntamente com a arte, o caminho para a transcendência. Mas o que move o homem na busca de sobrevivência e de transcendência?

Fala-se muito em energia. Vejo energia como a essência dessa busca incessante e integrada de sobrevivência e de transcendência. Sobreviver se dá no presente, que é a interface de passado e futuro. Transcender é mergulhar no passado e incursionar no futuro. Daí saem os sistemas de explicação – história – e os sistemas de adivinhação e de predição – oráculos e ciências. Tudo se integra nas religiões e ciências, que transcendem tempo, nas comunicações e artes, que transcendem espaço. Obviamente, transcender tempo e espaço não são dicotômicos. Portanto, comunicações, religiões, artes e ciências andam juntas.

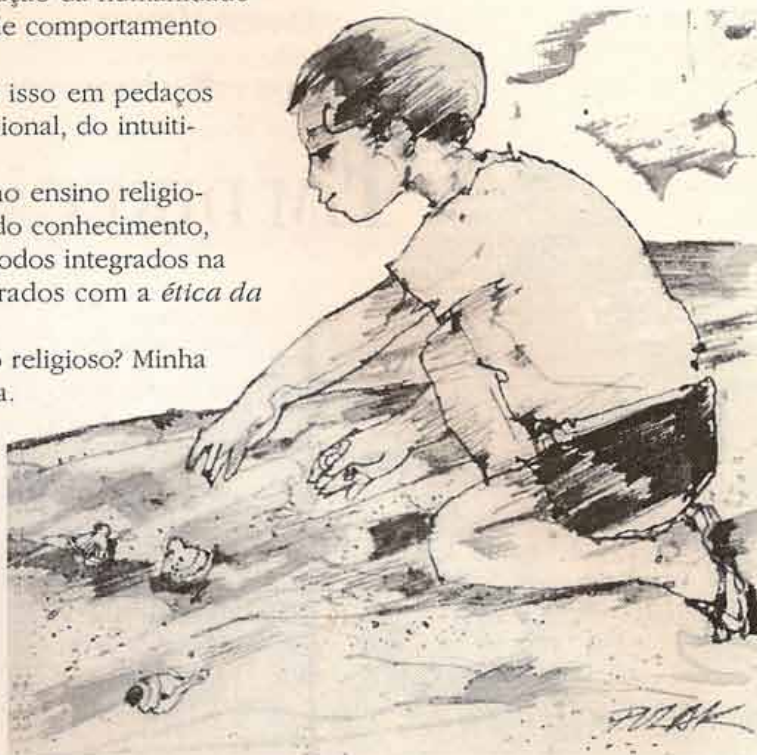


Não se separam. Basta um panorama da evolução da humanidade para nos convencer que esses quatro estilos de comportamento caminham de mãos dadas.

Na filosofia moderna, tenta-se enquadrar isso em pedaços do cérebro que cuidam do sensorial, do emocional, do intuitivo e do racional.

O essencial na educação, em particular no ensino religioso, é restabelecer a integridade do homem e do conhecimento, *sensorial + emocional + intuitivo + racional*, todos integrados na totalidade *mente + corpo + cosmos*, e temperados com a *ética da diversidade*.

Voltando ao tema: como conduzir o ensino religioso? Minha proposta é tratar de tudo o que eu disse acima. Naturalmente, os professores e as autoridades educacionais querem alguma orientação, algo como um currículo:



#### UNIDADES

1. HISTÓRIA: cosmos, planeta, vida e homem.
2. PROBLEMAS FILOSÓFICOS MAIORES: criação, natureza, vida, homem, consciência, ética.
3. PAZ (nas quatro dimensões) como estado natural e as violações (das quatro dimensões) ao longo da história.

Como estratégia de trabalho em aula, proponho o modelo de currículo dinâmico:

- a. MOTIVAÇÃO, através de preleção, com fotos, filmes, leitura de periódicos, trechos de livros e discussões.
- b. REFLEXÃO, mediante diálogo e sessões de perguntas/respostas e comentários.
- c. TRABALHO INDIVIDUAL, na forma de uma redação.
- d. TRABALHO COLETIVO, na forma de uma pesquisa (pode ser uma entrevista na própria escola, na comunidade, na família, com questionário, ou filmando, ou gravando).

Uma regrinha simples para a execução dessa estratégia. As fases são:

- a. o momento de o aluno OUVIR; b. de FALAR E OUVIR; c. de FALAR; d. de COOPERAR.

Nessas fases reconhece-se a prática da ética da diversidade.

Que referências temos para esse curso? Há muito material para se usar na fase "a". Lembro o documento *The Seville Statement on Violence*, publicado pela UNESCO em 1991, que mereceria ser traduzido para o português e publicado. Também são importantes as Declarações do Fórum de "Ciência e Cultura" da UNESCO e a Carta da Transdisciplinaridade. Naturalmente, lembro jornais, revistas e noticiários de televisão. A parte mais formal pode ser de um bom livro de história.

#### SUGESTÕES DE LEITURA:

- Ubiratan D'Ambrosio, organizador: *Declarações dos Fóruns de Ciência e Cultura da UNESCO* (Veneza, Vancouver e Belém e a Carta da Transdisciplinaridade), Textos Universitários, Editora da Universidade de Brasília, 1994.
- David Adams, editor: *The Seville Statement on Violence. Preparing the Ground for the Construction of Peace*, UNESCO, Paris, 1991.
- Pierre Weil, Ubiratan D'Ambrosio e Roberto Crema: *Rumo a uma Nova Transdisciplinaridade*, Summus Editorial, São Paulo, 1993.
- Daniel Quinn: *Ismael*, Editora Best Seller, São Paulo, 1994.
- Al Gore: *Terra em Balanço*, Editora Augustus, São Paulo, 1994.
- Robert Reich: *The Work of Nations*, Vintage Books, New York, 1992.
- Francisco de Biasi: *O Homem Holístico*, Editora Vozes, São Paulo, 1995.



DANIELA MOREAU

# EM DIREÇÃO À ÁFRICA

Em duas tradições orais africanas, a visão múltipla do homem surpreende e comove. Conhecer os povos que as preservam é também descobrir um notável sistema de vida comunitária livre de estruturas políticas hierarquizadas .



DANIELA MOREAU é historiadora, tecelã e pesquisadora das tradições artesanais africanas.



Desconhecemos as filosofias e tradições africanas. Assim, para falar delas, apóio-me no eminente filósofo Amadou Hampaté Bâ (1900-1991). Nascido em Málí, na África Ocidental, discípulo do sábio Tierno Bokar, consagrou sua vida a salvar do esquecimento os tesouros da tradição oral africana. Dizia: "Na África, quando um velho morre, é como se uma biblioteca se incendiasse".



Escritor, historiador, etnólogo, pertenceu ao Conselho Executivo da UNESCO, entre 1962 e 1970. Tornou-se célebre por sua incansável luta a serviço das culturas orais e do diálogo entre as civilizações. Por toda a parte deixou a lembrança de um homem de paz, de conciliação e de diálogo, que apelava constantemente à mútua compreensão entre os homens. Possuía o dom de desanuvlar as situações mais tensas, ao relembrar no momento oportuno determinado conto ou certa historietta africana onde cada um podia reconhecer-se sem, no entanto, sentir-se ferido...

Destaco aqui um artigo de Amadou Hampaté Bâ em seu livro *Aspects de la civilisation africaine*, no qual nos aproxima de dois povos, os peules e os bambaras. Os primeiros encontram-se disseminados na África Ocidental, do Senegal ao lago Chade. Sozinhos conservaram integralmente as tradições do pastoreio nômade, apesar de terem assumido, em grande parte, a condição de sedentários. Os bambaras são agricultores das margens do rio Níger, no atual Málí. Caracterizam-se, também, pela riqueza da sua tradição oral.

**ORIGENS** — As origens dos povos peules e bambaras perde-se na noite dos tempos. Autores, como o francês Pierre Bertaux<sup>1</sup>, levantam a hipótese de um berço comum: teriam havido, há cerca de 6.000 anos, civilizações constituídas em um Saara fértil, ou ao menos mais acolhedor que hoje em dia.

Estas populações teriam sido afastadas de seu habitat original por um ressecamento climático progressivo, emigrando algumas para o vale do Nilo, onde teriam se fixado e fundado a civilização egípcia. E outras para o Sul, em direção ao rio Níger e ainda além, lançadas num deslocamento sem trégua que só vem cessando muito recentemente. As migrações teriam se produzido em épocas diferentes, segundo o tipo de vida das tribos. Foram os pescadores os primeiros a se assentarem nas margens do rio Níger. Depois, os agricultores. Os pastores teriam resistido mais tempo, praticando a transumância, isto é, o deslocamento periódico das populações e do gado em busca de pastagens e água. Mas parte deles teria finalmente se dirigido ao sul, unindo-se aos pescadores e agricultores que os haviam precedido, sem no entanto perder sua identidade. Ainda hoje se vê, em algumas aldeias nas margens do rio Níger, os três povos vivendo em bairros distintos. Os pescadores bozos são os senhores do rio, os bambaras trabalham a terra, os peules levam seu rebanho a pastar. Assim, cada um pratica a sua especialidade, sem preocupar-se com os outros e sem desejo de mesclar-se com eles ou adotar sua técnica.

Outros autores, como Angela Fisher, discordam da hipótese de uma origem comum para as duas etnias. Acreditam que os bambaras seriam autóctones na África Ocidental, enquanto os peules teriam chegado à zona subsaariana através de migrações sucessivas que teriam se originado na Etiópia ou no Egito. Até mesmo uma origem semita foi considerada para este povo.

**ORGANIZAÇÃO SOCIOCULTURAL** — Há séculos a etnia peule habita na África Ocidental, desde a costa atlântica, no Senegal, até o lago Chade.

Embora atualmente parte dos peules esteja sedentarizada, combinando atividades agrícolas com a criação de gado, muitos são ainda nômades, e conservam as tradições orais do pastoreio.

Analisando os bambaras, o historiador francês Pierre Bertaux destacou sua organização político-social, que classificou como uma "anarquia camponesa",





e sua acentuada religiosidade. Eis alguns trechos adaptados de seu estudo:

"(...) Chamamos *anarquias* (no sentido etimológico do termo) às estruturas políticas não hierarquizadas. As anarquias africanas são sistemas notavelmente equilibrados, estáveis, flexíveis e coerentes.

O exemplo mais elucidativo é o modo de vida dos agricultores do delta do rio Níger, na atual Nigéria, onde vários milhões de pessoas não conhecem outra forma de vida. Não têm príncipes, nem chefes, nem soberanos. As famílias vivem de acordo com a lei. Uma lei, certamente, de tipo consuetudinário e religioso, já que a religião é aqui – à parte toda questão de fé – a que une entre si aos homens de um mesmo grupo, a que assegura a coerência e a estabilidade da comunidade. Este sistema permite regular os conflitos, julgar as controvérsias, chamar à razão os desequilibrados e dominar os rebeldes, compensar os incidentes sociais, os adultérios, os roubos, os assassinatos, e fundar a comunidade, mantendo a solidariedade. Quando os europeus, como por exemplo os administradores coloniais, entraram em contato com sociedades de tipo anarquista, ficaram surpreendidos de encontrar nelas um sentido muito vivo de igualdade e de liberdade, e um respeito fundamental frente à lei e a ordem. Perguntavam-se como era isto possível sem a existência de chefes, administração, clérigos e magistrados, sem polícias nem prisões, simplesmente por via da pressão social.(...)"

"(...) Os bambaras guardaram as tradições animistas mesmo após a lenta infiltração do Islã na época da colonização européia. É preciso considerar que o animismo não é uma forma resumida de crenças que se limitam a algumas superstições fetichistas. O animismo dos bambaras por exemplo, é um sistema muito complexo e completo, rico e refinado, e que exige

muito tempo para ser compreendido, ainda que parcialmente, já que sua cosmogonia, metafísica e ética estão ocultas sob o ritual.

Dizem que os bambaras são seres essencialmente religiosos. Isto significa que concepções que consideramos religiosas estão intimamente mescladas tanto com a estrutura social quanto com a técnica e a vida privada. As tradições e os ritos formam a própria trama da vida, a cada dia e a cada instante. Qualquer

que seja o ato, qualquer que seja a circunstância, nada se deixa ao azar ou à fantasia. Tudo o que pode ou deve fazer um indivíduo lhe é ditado por uma prescrição ou uma proibição ritual: assim, a ordem de sucessão quando morre o chefe do grupo familiar; o regime do matrimônio ou da escolha da esposa; a propriedade da terra ou a propriedade da colheita, que raramente se confundem; a circuncisão dos rapazes e a defloração das virgens; a educação; as relações sexuais; a administração da justiça; a convivência com os parentes e amigos e os deveres para com eles; a brincadeira e o insulto a tal ou qual pessoa segundo o grau de parentesco; os sucessivos trabalhos do campo. Tudo isso está regulamentado por referência a um sistema não apenas social e técnico, como também lendário, cosmogônico e metafísico, que em todo momento guarda sua coerência interna. O lugar do homem no universo e seu papel são explicados pela ordem da própria Criação, considerando-se o homem um microcosmo onde se reflete e se resume a totalidade das coisas.

Este sistema não é resultado de uma especulação nem a invenção de uma elite de intelectuais, mas sim a transcrição prática, ocular e viva de uma experiência milenar. Todos os membros da sociedade bambara participam nele e o assimilam na medida de seus meios intelectuais, embora este sistema seja compreendido em seu conjunto e em sua significação total apenas pelo grupo dos anciãos, cuja função social específica é precisamente fazer a síntese da experiência, manter viva e transmitir a tradição, e constituir uma reserva de sabedoria.

A existência dos bambaras está regulamentada desta forma sem que sequer se exerça autoridade alguma à parte da tradição. Cada um, mesmo estando isolado, sabe o que tem que fazer em todos os casos.



A tradição está adaptada a um território difícil, com baixa densidade demográfica, comunicações cortadas durante os vários meses da estação chuvosa, solo ingrato e um clima do qual pode-se dizer que 'destrói tudo' salvo a raça humana, que soube dominá-lo.

Apesar de uma existência rude, os bambaras conservaram, através dos séculos, uma vitalidade, uma alegria de viver e um humor malicioso que manifestam a cada momento do dia, e sobretudo à noite, quando chega o grande calor e a lua brilha. Então os relatos dos feiticeiros, os jogos, as danças e o som dos tambores são alegres distrações. Mas o mesmo sucede com os trabalhos da terra. Roçar, arar, semear, colher e as tarefas auxiliares – trazer água e acender o fogo, pilar o milho ou fiar o algodão –, tudo se faz comunitariamente, tudo é acompanhado por cantos, tudo serve de pretexto a danças, estalar de dedos, bater de palmas, gritos rítmicos e risadas(...)"

Colocadas estas informações, passaremos agora à apresentação do artigo que traduzi e adaptei:

## A NOÇÃO DE PESSOA ENTRE OS PEULES E OS BAMBARAS

AMADOU HAMPATÉ BÂ

Nas tradições peule e bambara dois termos servem para designar a pessoa. Para os peules, são eles *Neddo* e *Neddaaku*. Para os bambaras, *Maa* e *Maaya*. As primeiras palavras significam "a Pessoa" e, as segundas, "as pessoas da pessoa".

A tradição ensina que existe antes *Maa*, a "Pessoa-receptáculo", e depois *Maaya*, ou seja, os diversos aspectos de *Maa* contidos no *Maa-receptáculo*. Como diz a expressão bambara *Maa ka Maaya ka ca a yere kono*: "As pessoas da pessoa são múltiplas na pessoa". Encontramos exatamente a mesma noção entre os peules.

A noção de pessoa é portanto, a princípio, muito complexa. Implica uma multiplicidade interior de planos de existência concêntricos e superpostos (físicos, psíquicos e espirituais, em diferentes níveis), bem como uma dinâmica constante. A existência, que se inicia com a concepção, é precedida por uma pré-existência cósmica onde o homem residiria no reino do amor e da harmonia, denominado *Benke-so*.

O nascimento de uma criança é considerado a prova palpável de que uma parcela da existência anônima se destacou e encarnou sobre nossa terra, para desempenhar uma missão. Uma importância muito

particular será concedida à cerimônia do batismo, no curso da qual será dado um *togo*, ou nome, ao recém-nascido. O *togo* define o pequeno indivíduo. Ele situa-o na grande comunidade.

Três tipos de nascimento podem ocorrer. O aborto ou *ji-bon*, literalmente "água derramada", considerado maléfico. O nascimento no prazo correto chamado *banngi*, fato feliz não somente para os pais, mas para a aldeia, a tribo e, num plano mais vasto, para a humanidade inteira. O nascimento após o prazo normal, chamado *menkono* ou *nyanguan*, literalmente "ventre de muito tempo", prelúdio ao nascimento de um ser extraordinário, o *nyanguan*, o profeticeiro, que vem ao mundo imbuído de um poder potencial.





O desenvolvimento da pessoa vai realizar-se no ritmo dos grandes períodos de crescimento do corpo, a cada qual correspondendo um grau de iniciação. A iniciação tem por objetivo dar à pessoa física um poder moral e mental que condiciona e ajuda a realização perfeita e total do indivíduo. A tradição considera que a vida de um homem normal comporta duas grandes fases. Uma ascendente, até os sessenta e três anos, outra descendente, até os cento e vinte e seis. Por sua vez, cada uma dessas fases comporta três grandes seções de vinte e um anos, compostas de três períodos de sete anos. Cada seção de vinte e um anos marca um grau na iniciação. Cada período de sete anos marca um limiar na evolução da pessoa humana.

Assim, durante os sete primeiros anos de sua existência, quando a pessoa em formação requer o máximo de cuidados possível, a criança ficará intimamente unida a sua mãe, de quem ela dependerá em todos os aspectos de sua vida. De sete a catorze anos, ela se confronta com o meio exterior do qual recebe as influências, mas sente ainda a necessidade de referir-se a sua mãe, que permanece sendo seu critério. Dos quatorze aos vinte e um anos, está na escola da vida e de seus mestres, distanciando-se progressivamente da influência materna.

A idade de vinte e um anos marca o importante momento da circuncisão ritual e da iniciação às cerimônias dos deuses. Durante o segundo bloco de vinte e um anos, o homem vai elaborar os ensinamentos que recebeu no período anterior. Ele é então considerado como estando à escuta dos sábios, e se ocorre que lhe dêem a palavra, é por um favor ou para colocá-lo à prova, não por direito. Aos quarenta e três anos, entretanto, considera-se que atingiu virtualmente a maturidade e figura entre os mestres. Tendo o direito à palavra, ele tem que ensinar aos outros aquilo que aprendeu e sobre o que meditou durante os dois primeiros períodos de sua vida. Aos sessenta e três anos, término da grande fase ascendente, ele é considerado como tendo concluído sua vida ativa. Não é mais compelido a nenhuma obrigação, o que não o impede, eventualmente, de continuar a ensinar, se esta é sua vocação ou capacidade.

Em nenhum momento a pessoa humana é considerada como uma unidade monolítica, limitada a seu corpo físico, mas sim como um ser complexo, habitado por uma multiplicidade em movimento permanente. Não se trata portanto de um ser estático ou acabado.



A pessoa humana, *como a semente vegetal*, é *evolutiva* a partir de um capital inicial que é seu próprio potencial. Este vai desenvolver-se ao longo de toda a fase ascendente de sua vida, em função do terreno e das circunstâncias encontradas. As forças liberadas por essa potencialidade estão em perpétuo movimento, assim como o próprio cosmos.

Para ilustrar esta idéia, lembremos brevemente o mito de criação do homem na tradição bambara:

Maa-Ngala (ou Deus-Mestre) autocriou-se. Depois criou vinte seres, que constituiriam o conjunto do universo. Mas ele apercebeu-se de que, dentre essas vinte primeiras criaturas, nenhuma estava apta a tornar-se seu *kumanyon*, isto é, seu interlocutor. Então, recolheu um pedaço de cada uma das vinte criaturas existentes. Misturou tudo, o que serviu para criar um vigésimo-primeiro ser híbrido, o homem, ao qual deu o nome de *maa*, ou seja, o primeiro nome que compõe seu próprio nome divino.

Para conter *maa*, o ser todo-em-um, Maa-Ngala concebeu um corpo especial, vertical e simétrico,



capaz de abarcar ao mesmo tempo um pouco de cada um dos seres existentes. Este corpo, chamado *Fari*, simboliza um santuário onde todos os seres encontram-se em circundação<sup>2</sup>. É por isso que a tradição considera o corpo do homem como o mundo em miniatura, conforme a expressão *Maa ye dinye merenin de ye*, isto é: "O homem é o universo em miniatura".

O corpo inteiro corresponde a um simbolismo bem preciso. A cabeça, por exemplo, representa o estágio superior do ser, perfurada por sete grandes aberturas. Cada uma delas é a porta de entrada de um estado de ser, ou mundo, e é guardada por uma divindade. Cada porta dá acesso a uma nova porta interior, e esta, ao infinito. O rosto é considerado como a fachada principal da morada das pessoas profundas de *Maa*. Sinais exteriores permitem decifrar as características dessas pessoas. "Mostre-me seu rosto, e eu lhe direi a maneira de ser de suas pessoas interiores", diz o adágio. Cada ser interior corresponde a um mundo que gira em torno a um eixo ou ponto central.

O psiquismo do homem é portanto um conjunto complexo. Como um vasto oceano, sua parte conhecida não é nada comparada à ainda por conhecer. O ditado maliano é eloquente a esse respeito: "Nunca se acaba de conhecer *Maa*..."

Por que esta complexidade?

De um lado, o nome divino do qual *Maa* é investido confere-lhe o espírito, e o faz participar da Força Suprema. Esta chama-o à sua vocação essencial: tornar-se o interlocutor de *Maa-Ngala*. De outro, os diversos elementos que estão nele o tornam depositário de todas as forças cósmicas, tanto as mais elevadas como as mais baixas. A grandeza e o drama de *Maa* consiste em ser ele o lugar de encontro de forças contraditórias em perpétuo movimento, que somente uma evolução bem realizada no caminho da iniciação lhe permitirá ordenar, ao longo das fases de sua vida.

As forças múltiplas e variadas que se movem no universo dissimulado de *Maa* constituem os estados, ou pessoas psíquicas, emanadas do espírito do próprio *Maa*. O Espírito, princípio imaterial e imortal, não é um ser imaginário. Ele existe. É ele que dá nascimento à Imaginação, faculdade bem real (não confundir com o imaginário), graças à qual *Maa* torna-se capaz de visões e de relacionamento com espíritos ou seres que habitam fora dele ou fora do mundo visível. Para retomar uma expressão de meu amigo Boubou Hama, ele "concretiza o abstrato", que assume imagem e forma. O espírito de *Maa* permite-

lhe conhecer, compreender e reforçar sua atenção. Desenvolvendo essas aptidões, *Maa* torna-se capaz de julgar.

A pessoa, assim, não está encerrada sobre si mesma, como uma caixa bem fechada. Ela se abre em diversas direções, diversas dimensões, poderíamos dizer, ao mesmo tempo interiores e exteriores. Os di-



versos seres, ou estados, que estão nela, correspondem aos mundos que se escalonam entre o homem e seu Criador. Eles estão em relação entre si e, através do homem, em relação com os mundos exteriores. Antes de tudo, a pessoa está ligada a seus semelhantes. Não se saberia concebê-la isolada ou independente. Assim como a vida é unidade, a comunidade humana é uma, e interdependente.

Devido a esse sentimento profundo de unidade da vida, a pessoa humana não é destacada do mundo natural que a cerca. Mantém com ele relações de dependência e equilíbrio, codificadas por regras de comportamento ensinadas pela doutrina tradicional *Bembaw-stra*. Leis precisas determinam a conduta do homem face a todos os seres que povoam a parte vital da terra: minerais, vegetais e animais. Essas leis não podem ser violadas, sob pena de provocar, no seio do equilíbrio da natureza e das forças que a sustentam, uma perturbação que se voltaria contra ele.



A noção de unidade da vida é acompanhada pela noção fundamental de equilíbrio, de troca e de interdependência. *Maa*, que contém em si um elemento de todas as coisas existentes, é chamado a tornar-se o fiador do equilíbrio do mundo exterior, e até mesmo do cosmos. Na medida em que reintegra sua verdadeira natureza (a do *Maa* primordial), o homem surge, no mundo, como o eixo convocado a preservar a multiplicidade exterior de cair no caos.

Assim, da boa ou má conduta dos reis ou chefes religiosos tradicionais, dependerá a prosperidade do solo, o regime das chuvas, o equilíbrio das forças da natureza etc.

Enquanto o homem não tiver ordenado os mundos, as forças e as pessoas que estão nele, ele é o *Maa-nin*. Ou seja, um tipo de homúnculo, o homem ordinário, o homem não realizado. A tradição diz: *Maa kakan ka sé i yere lá noote a bè to Maa ni yala*. Isto é: "Não podemos sair do estado de *Maa-nin*, para reintegrar o estado de *Maa*, se não formos o mestre de nós mesmos".

Para concluir, chamarei a atenção sobre o fato de que a tradição se ocupa da pessoa humana enquanto multiplicidade interior, inacabada no princípio, chamada a ordenar-se e a unificar-se, como a buscar seu justo lugar no seio das unidades mais vastas, que são a comunidade humana e o conjunto do cosmos.

Síntese do universo e confluência das forças de vida, o homem é assim chamado a tornar-se o ponto de equilíbrio onde poderão reunir-se, através dele, as diversas dimensões das quais é portador. Então ele merecerá verdadeiramente o nome de *Maa*, interlocutor de *Maa-Ngala*, e fiador do equilíbrio da criação. ▲

#### BIBLIOGRAFIA

- Amadou H. Bâ, *Aspects de la civilisation africaine*, Présence Africaine, Paris, 1972.
- Pierre Bertaux, *Africa, desde la prehistoria hasta los estados actuales*, Editora Siglo Veintiuno, México-Espanha, 1973.

#### LEITURA RECOMENDADA

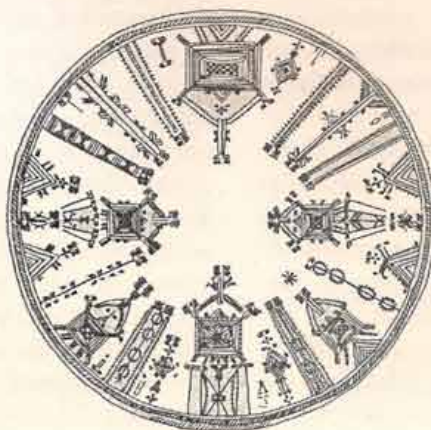
- *Entrevistas do Le Monde - Civilizações* - Série que reúne entrevistas realizadas pelo jornal francês *Le Monde* com pensadores contemporâneos de renome. Capítulo "Confrontações Culturais", p. 135, que apresenta a entrevista com Amadou Hampaté Bâ. Editora Ática, São Paulo, 1989.
- Roland Oliver, Zahar, *A experiência africana - da pré-história aos dias atuais*, Rio de Janeiro, 1994.
- *História geral da África*, Editora Ática/UNESCO, São Paulo, 1991.

#### NOTAS

1. Pierre Bertaux, *Africa, desde la prehistoria hasta los estados actuales*, Editora Siglo Veintiuno, México-Espanha, 1973.
2. Rotação de um membro em torno de sua inserção no tronco, conforme um cone, do qual a articulação forma o vértice.

#### FOTOS E ILUSTRAÇÕES

- páginas 14 e 19 - ilustração e foto reproduzidas do cartão Couleurs du Mali, Éditions Hoa-qui Paris - Diffusion Sacko Moussa BP 2756 Bamako Grande Poste.
- página 15 - foto de Amadou Hampaté Bâ, reproduzida do livro de sua autoria *Aspects de la civilisation africaine*, Éditions Présence Africaine, Paris, 1972.
- página 16 - mapa reproduzido da obra *Africa Adorned*, de Ângela Fisher, Harry N. Abrams, Inc., Publishers, Nova York, 1984.
- páginas 17 e 18 - fotos de mulheres e crianças do povo Wodaabe, reproduzidas da obra *Nomads of Niger*, de Carol Beckwith e Marion Van Offelen, Harvill, an imprint of Harper Collins Publishers, Londres, 1991.
- página 20 - desenho tradicional feito em cabaça. Reproduzido da obra *Nomads of Niger*, citada acima.





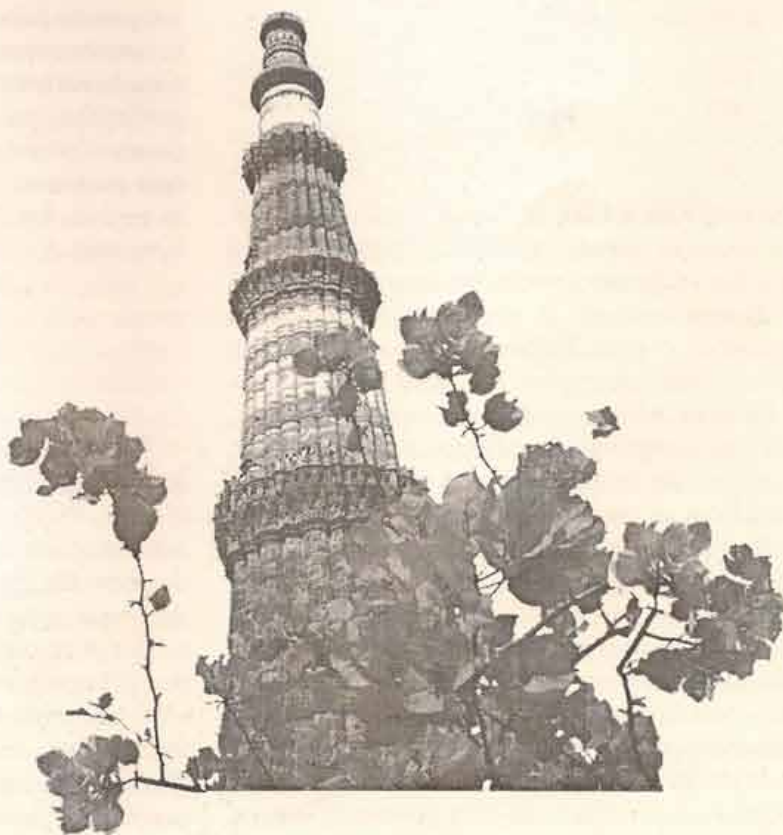
JOSÉ LUIZ MARTINEZ

---

# NOVA DÉLHI EM RITMO DE AVENTURA

Uma bolsa de estudos e uma pesquisa de campo etnomusical abrem uma divertida descoberta da Índia. Por trás de sons e ritmos, uma cultura milenar procura o compasso moderno, um povo de tradições busca o acerto com a era contemporânea e o Ocidente ainda encontra fonte pura.

JOSÉ LUIZ MARTINEZ é bacharel em música pela USP, mestre em comunicação e semiótica pela PUC-SP. Compositor, violonista e percussionista. Doutorando em etnomusicologia e semiótica da música na Universidade de Helsinki. Sua tese aborda questões de significação e estética na música clássica do norte da Índia.







Pagando somente uma rúpia – cerca de três centavos de real –, tenho o direito de tomar o ônibus para a casa de Probir.<sup>1</sup> Recém-chegado em Nova Délhi, vou conhecer pela primeira vez um tablista<sup>2</sup> profissional: Probir Mittra. A viagem, cerca de meia hora, é uma aventura em si mesma. Na primeira vez em que vou à aula, sou guiado por Olivier, aluno de Probir e estudante de *kathak*, um dos estilos de dança praticados no Norte da Índia.

O transporte público em Délhi é de simples classificação. Há três meios motorizados: táxis decrépitos, auto-riquixás – ou *scooters* – decrépitos e ônibus decrépitos. Para cada um dos meios há um estilo de direção, comportamento no trânsito e atitude dos passageiros. Trata-se de um código, aceito por todas as partes. Para pegar o ônibus, por exemplo, temos que correr, acompanhando o veículo em movimento, e finalmente pular para dentro. O motorista meramente diminui um pouco a marcha.



**O CAMINHO PARA A CASA DE PROBIR** – Estou perfeitamente disfarçado dentro do ônibus. Todos pensam que sou indiano, graças a minha herança genética (um tipo de síntese artificial, já que meus antepassados são espanhóis e portugueses). Roupas tampouco traem meu caráter estrangeiro. Em Nova Délhi a maioria dos homens indianos vestem roupas ocidentais, mais ou menos segundo o estilo que se pode ver em todos os canais de TV do mundo. A viagem dura cerca de meia hora e vamos do centro para os subúrbios.

O ônibus percorre a ponte do rio Yamuna, onde elefantes se banham, da mesma maneira, há séculos e séculos. Ignoram sobriamente os caminhões que passam no viaduto, seus concorrentes atuais no transporte pesado. Depois da ponte, saltamos. Saltamos – literalmente – aterrissando no meio do tráfego pesado. Agora devemos tomar um riquixá ou enfrentar uma caminhada de 20 minutos.

Dividimos as estreitas ruas com pedestres, outros

riquixás – motorizados e a pedal –, lambretas, vacas sagradas e búfalos de olhar paciente, pequenos carros japoneses e todo tipo de “veículos de três rodas”, criados graças à inventividade do design *sui generis* dos mecânicos e funileiros indianos.

Estamos em Lakshmi Nagar: “cidade de Lakshmi”. É uma área de Nova Délhi onde muitos músicos e artistas vivem, já que o aluguel é barato e o bairro localiza-se não muito longe do centro. O nome do lugar, no entanto, é uma ironia. Lakshmi, esposa de Vishnu – a divindade que sonha o universo –, é a Deusa da fortuna. Adorada em todos os lares e estabelecimentos comerciais – para a qual os vendedores sempre fazem uma oferenda de incenso pela manhã, antes de abrir a loja, para garantir boas vendas naquele dia –, é representada nos cartazes e folhinhas populares como uma atraente mulher vertendo um vaso de moedas de ouro. Mas Lakshmi Nagar é uma área muito pobre. Se a Deusa já esteve por lá, foi para conceder riquezas espirituais, pois deixou o bairro sem benefícios. Esgotos correm abertos em canais profundos, em ambos os lados das ruas. Nesta época do ano (o inverno seco de Délhi), pode-se caminhar sem problemas. Mas, durante a estação das chuvas, as ruas de Lakshmi Nagar são inundadas. Tornam-se intransitáveis, repletas de dejetos e lama.



**(RE)APRENDIZADO DE TABLA** – Tenho tocado tabla já há alguns anos, mas nunca tive aulas com um tablista indiano. Probir prontamente me aceita como seu aluno. Olivier se torna meu guru-bhai, irmão por parte de guru. Na minha primeira aula, depois de ter ouvido o que toquei, Probir propõe que eu reconstrua minha técnica de acordo com sua tradição (*gharana*<sup>3</sup> de Lucknow). Para isso devo deixar “meu estilo prévio”. Na verdade deixo-o com prazer, já que nunca tive de fato um estilo, e apenas tocava tabla da melhor maneira que podia, adaptando técnicas e concepções da percussão ocidental com informações que





obtive em livros. Fui praticamente um autodidata, exceto pelas aulas introdutórias – uma década atrás – que obtive do percussionista José Eduardo Nazário. Probir quer que me concentre na produção das articulações, ou seja, na obtenção da técnica correta para os diversos sons possíveis de serem tocados no instrumento. Pouco a pouco, vou corrigindo meus movimentos e mesmo a base psicomotora para a nova técnica, que me parece lógica e eficiente.

A *gharana* de Lucknow é conhecida pela atenção e alta consciência técnica com as quais seus membros tocam o instrumento. O tablista deve manter as mãos e o corpo completamente relaxados, evitando tensões desnecessárias. Neste sentido, minhas aulas não eram muito diferentes das de qualquer bom método ocidental moderno de piano ou percussão.

Depois de algumas aulas, quando melhorei muito pouco apesar de trabalhar intensamente, Probir me pede para trazer um gravador. O etnomusicologista latente que havia dentro de mim despertou com o pedido, pronto para as famosas gravações de campo. Material indispensável para este tipo de pesquisa, essas gravações tornam-se mais e mais obsoletas com a enormidade de discos e fitas de música indiana disponíveis no mercado. Na aula seguinte, eu estava pronto com meu pequeno gravador, microfone e fitas. Probir então verifica o equipamento, como se fosse me ensinar técnicas de gravação. Quando tudo estava pronto, que surpresa... não era para gravar a excelente execução de Probir, mas sim minhas próprias dificuldades. Aquilo que pensei que seria um documento etnomusicológico era para ser na verdade um espelho de meus avanços no tabla. A fita tinha propósitos puramente didáticos.

Mesmo formado dentro do sistema de *gharana*, Probir sabe que estudantes estrangeiros dificilmente podem permanecer na Índia o tempo suficiente para o mesmo tipo de aprendizado. Seu guru, Ustad Afaq Hussain Khan, teve diversos alunos ocidentais, para os quais ele usava métodos diferentes daqueles da longa rotina mestre-discípulo. A tecnologia moderna (como gravações de áudio e vídeo) é bem-vinda como instrumento que ajuda os estudantes. Probir ainda

recomenda a leitura de autores como James Kippen, que escreveu uma excelente obra sobre a *gharana* de Lucknow<sup>4</sup>.



**ENCANTADOR DE SERPENTES** – Durante uma das aulas de tabla escuto, vinda da rua, a melodia típica do *pungi* – o oboé dos encantadores de serpentes. Notando as expressões de interesse minha e de Olivier, Probir então interrompe a aula e chama o *naga-wala* – “serpenteiro”, numa tradução aproximada – para que nos exhiba a sua arte. Enquanto aos poucos, e sempre ao som da melodia do *pungi*, o *naga-wala* vai mostrando suas cobras, na ordem das menores para as maiores e mais perigosas, Probir nos explica sobre as várias espécies, e as técnicas que os encantadores de serpentes usam para apreendê-las e tornar inofensivas as venenosas. A presença constante dos *naga-walas* nas regiões pobres mostra que o encantador de serpentes ainda é um divertimento popular, e não meramente um espetáculo para arranjar dinheiro de turistas.



**PROBIR KUMAR MITTRA** – Nasceu em Calcutá, em 1959. Seu pai, um tablista amador, começou a lhe ensinar o instrumento quando tinha cinco anos. Mais tarde, quando cursava o colegial, graças ao incentivo de um professor da escola, decide tornar-se um músico profissional. Como seu pai e primeiro guru era amigo de Ustad Afaq Hussain Khan, expoente de *gharana* de Lucknow, naturalmente tomou a decisão de enviá-lo àquele músico, apesar da distância que separa as duas cidades. Em 1978, Probir deixa Calcutá, encontrando uma nova família em Lucknow.

Probir me conta como foi inesquecível o dia em





que chegou a Lucknow com seu pai. Acontece que era justamente Holi – a festa da primavera na Índia. Probir e seu pai desembarcaram na estação ferroviária. Pegaram um riquixá, pedalando para o endereço indicado. Ora, o Holi é o carnaval indiano! Durante o trajeto, eles (como todos que saem às ruas naqueles dias) acabaram por ficar molhados com água das seringas dos foliões, e completamente coloridos com os pós que se usam na Índia para esta festa. De fato, ao se encontrarem com o mestre, pai e filho pareciam ter caído na folia!

O aprendizado deu-se pela tradição guru/discípulo: *guru-shishya parampara*. Isto significa que ele passou a viver na casa de Ustad<sup>5</sup>, onde não apenas recebia instrução musical, mas também convivía intimamente com seu mestre, tomando parte em todas as atividades domésticas, como forma de retribuição. Probir era muito modesto, nunca pedindo aulas a seu mestre. Só as recebia quando ele se dispunha a orientá-lo. Desta forma, conquista-lhe a amizade e confiança. Logo Probir torna-se o principal discípulo de Ustad. Graças ao seu caráter cheio de iniciativa e cuidado, mais tarde Probir até mesmo assume a tarefa de gerenciar e organizar a casa em que vive.

Depois de dois anos de prática intensiva, normalmente na presença de Ustadji<sup>6</sup>, que lhe dava atenção minuciosa na construção de sua técnica de execução do tabla, ele oferece a Probir o *Ganda Bandhan*. Trata-se de uma cerimônia especial no processo de aprendizado. Realizada em Calcutá, na casa dos pais de Probir, consiste em atar uma fita no pulso direito do discípulo. Desta forma, indica-se o relacionamento estreito que há entre ambos. O guru assume o compromisso de ensinar ao discípulo toda a sua arte; o estudante, por sua vez, promete sinceridade e devoção ao guru. O *Ganda Bandhan* inclui ainda ritos que dependem da religião do guru. Ao final, o discípulo presenteia seu mestre (normalmente com dinheiro), de acordo com suas posses.

Em 1981, Probir candidata-se a um emprego como tablista, na escola de *kathak* em Lucknow (Kathak Kendra). Aprovado no concurso, começa sua carreira profissional. Na escola, sua função é a de tocar tabla

nas aulas de dança. Consiste em mais do que simplesmente promover acompanhamento, pois a relação entre o bailarino de *kathak* e o tablista é frequentemente de diálogo e interação artística. Nesta época, Probir deixa a casa de seu guru e aluga seu próprio quarto, onde pode dedicar-se com exclusividade ao aperfeiçoamento na execução do tabla. Seu objetivo é tornar-se um solista tão bom como Ustad Afaq Hussain Khan.

Anos depois, procurando uma colocação melhor, Probir acaba por ser aceito no Kathak Kendra de Nova Délhi. Em 1989, começa a trabalhar na escola onde o famoso bailarino de *kathak* Birju Maharajji leciona e dirige os melhores espetáculos desta dança, de caráter sutil e ao mesmo tempo com uma rítmica de rigor e precisão. Os laços estreitos entre Probir e seu mestre fazem com que ele se desloque todos os meses a Lucknow para visitar Ustadji. Porém, depois de pouco tempo, este adoece e pede a Probir que deixe seu emprego em Nova Délhi para lhe dar assistência em Lucknow. Probir concorda prontamente, mas, antes que possa sequer mudar-se, Ustad Afaq Hussain Khan morre (em 1990).



**O POLICIAL** – Já regularmente engajado na reconstrução de minha técnica no tabla, algumas semanas depois de meu encontro com Probir, estou caminhando em Lakshmi Nagar, voltando para casa. Faço a caminhada com prazer, desfrutando do teatro cotidiano que sempre me surpreende naquela área. Às vezes, de uma esquina, um elefante aparece subitamente. Do ponto de vista do pedestre, o animal é gigantesco, seu condutor monta vários metros acima do nível da rua. Mas o espetáculo dura pouco. Com seus passos tranquilos, o elefante novamente se oculta, percorrendo as ruas estreitas com o cuidado de quem não quer esbarrar nas lojas e casas que delimitam seu trajeto.





Destacando-se dos sons típicos da redondeza, distinguo uma voz chamando com crescente insistência: *Bhai-Sahab, bhai-sabab!*<sup>7</sup> Com a impressão de que estão se dirigindo a mim, paro e olho para trás. Vejo um policial, com suas roupas cor cáqui e um vistoso turbante vermelho, que indicam que este senhor de longas barbas certamente pertence à religião sikh.

Ele se dirige a mim em híndi. Por mais que me esforce, não consigo entender o que deseja. Peço-lhe que fale inglês e assim – misturando híndi, provavelmente panjabi e inglês –, o policial interroga-me sobre minhas atividades naquela área. A situação me parece estranha e irregular. Pessoas começam a se aglomerar em torno de mim. Eu lhe explico que sou estudante de tabla e que meu professor mora naquele bairro. Parecendo satisfeito com as respostas e, por sua vez, querendo se justificar, ele me diz que está encarregado daquela região e por isso tem que fazer perguntas.

O incidente parece ter se acabado, e com alívio continuo minha caminhada em direção à avenida principal. Qual a minha surpresa quando, depois de poucos segundos, o mesmo policial me chama novamente. Desta vez, ele me faz uma estranha pergunta e eu começo a ficar nervoso com sua insistência. “*Cream name, cream name!*” As pessoas em volta me olham intrigadas. A pergunta me parece ilógica. Penso comigo que, talvez em seu inglês deficiente, o policial esteja na verdade querendo obter de mim informação sobre algum crime. Preocupado com as possíveis consequências de situação tão embaraçosa, eu lhe respondo que não sei de nada. Mas o homem insiste, e gesticulando pergunta sem parar a mesma coisa.

Começo a desconfiar de algo muito curioso. “*Cream...*” – “Você quer saber que perfume estou usando?” Sim, era isso! Talvez o motivo para todo o interrogatório, desde o princípio. Agora, tudo me parece extremamente cômico. Aliviado, digo ao policial qual marca estava usando, e pensando no diferente peso que os indianos põem no sentido do olfato, talvez não tão importante no Ocidente, continuo meu caminho para casa.

Através de um alto-falante metálico,  
um canto védico se espalha  
pelas ruas de Lakshmi Nagar.  
Não se vê o brâmane.  
Seria uma gravação?

#### NOTAS

1. Durante dez anos me embebi da cultura e música indianas. Mas somente há cerca de um ano pude concretizar a necessária viagem à Índia, realizando pesquisa de campo, parte de meus estudos para o doutoramento em etnomusicologia e semiótica da música. Graças à compreensão da Fundação CAPES e do Prof. Dr. Eero Tarasti, meu orientador na Universidade de Helsinki, pude viver por oito meses em solo indiano. Nesta vivência tive o prazer da companhia, assistência e orientação do Dr. Bernard Bel (Centro de Ciências Humanas da Embaixada da França em Nova Délhi), sem a qual não teria realizado uma fração do que fiz naquele tempo. A todos eles, minha gratidão. Este artigo, despretensioso e sobretudo bem-humorado, não apresentará nenhum resultado científico, nem sequer é parte de minha tese. Pretendo meramente dar aos leitores de *That* o sabor de minhas primeiras impressões concretas do país que tanto me fascinou e que, por mais que o tenha estudado, me surpreendeu com aquilo que não se pode apreender em livros – o cotidiano da vida na Índia atual – e aquilo que não se pode fazer por meio de livros – conhecer pessoas reais, com elas conviver, ouvir e apreender sua música.

2. O tabla constitui um par de pequenos tambores tocados no Norte da Índia. Cada vez mais conhecido e tocado no Ocidente, é um instrumento fundamental em quase todos os estilos de música clássica e popular hindustani. Tocando com os dedos de ambas as mãos, os tablistas profissionais são refinados músicos, capazes de contrapor o rigor matemático dos ritmos indianos à expressão e sutileza musical típicas daquela cultura.

3. *Gharana* – literalmente “da casa” – é o termo em híndi que designa um grupo hereditário de especialistas numa arte, geralmente ligados por relações familiares. Uma *gharana* representa um estilo artístico particular.

4. *The Tabla of Lucknow*, Cambridge, 1988.

5. *Ustad* é o título que se dá na Índia para os acadêmicos ou artistas consagrados muçulmanos. *Pandit* é o termo equivalente para os hindus.

6. O sufixo “ji” confere aos nomes e títulos das pessoas um caráter ao mesmo tempo respeitoso e familiar.

7. Expressão em híndi cuja tradução literal é: “Senhor-irmão!” Mais uma vez a combinação de respeito com intimidade familiar.



## PAINEL

### O grande desafio

A última edição do *People and the Planet* – vol.4, nº 4, 1995 – focaliza os desafios de alimentar um mundo de oito bilhões de pessoas, a estimativa populacional para o ano 2.020.

Especialistas dos quatro cantos do mundo advertem sobre as imensas dificuldades que os agricultores vêm passando nestas últimas décadas. Enfatizam a falta de políticas a médio e longo prazo que viabilizem melhoras nos métodos de produção de alimentos, no uso de irrigação e de pesticidas, além da carência de investimentos significativos em pesquisas agrícolas.

Um dos artigos, de Don Hinrichsen, aponta para o fato de que, apesar de termos mais de 10.000 anos de experiência em agricultura e de já estarem identificadas quase 50.000 espécies de plantas comestíveis, não usamos mais do que 200 espécies para nossa alimentação. Dessas 200, quinze são responsáveis por 90% dos suprimentos mundiais de alimento. Dessas quinze espécies, três – arroz, milho e trigo – respondem por dois terços do total.

Uma possível via de solução, diz Hinrichsen, seria incrementar o cultivo de plantas esquecidas pela moderna agricultura e redescobertas pelos agrônomos. Por exemplo, o amaranto e a quinoa, dois grãos que foram amplamente cultivados pelos incas, no Peru, e pelos astecas, no México. Ambos contêm uma qualidade protéica superior à maioria dos grãos comercializados, incluindo arroz, milho e trigo. Os Estados Unidos e a Europa já começaram a cultivar produtos alimentícios a base de amaranto e quinoa.

#### INFORMAÇÕES:

*People and the Planet*  
1 Woburn Walk - London WC 1H 0JJ - England  
Fone: (+44.171) 383.4388 - Fax: (+44.171) 388.2398

### Terapias não convencionais

O Centro de Educação em Saúde do SENAC realiza, de 10 a 12 de maio de 1996, no Centro de Convenções Anhembi, SP, o Simpósio "Saúde Integral no Limiar da Era da Alta Tecnologia". O propósito é gerar um diálogo transdisciplinar entre as práticas terapêuticas de origens ocidental e oriental.

Este diálogo, necessário e oportuno, é fruto de observações marcantes:

- os sistemas de saúde de vários países questionam-se a si mesmos e vêm sendo questionados, devido à sua situação de insolvência, sobre o uso intensivo de terapias "duras" e caras.
- a Organização Mundial de Saúde tem incentivado os países-membros a integrar as terapias "paralelas" e "complementares" a seus sistemas de saúde.
- novos paradigmas em saúde ressaltam o papel central do indivíduo para a obtenção da cura e a manutenção da saúde. Destacam também a necessidade de uma visão holística, integradora de corpo-mente-espírito, para a redefinição dos sistemas de assistência à saúde.
- multiplicam-se os estudos sobre algumas das terapias "alternativas" e difunde-se, no mundo, a oficialização de algumas delas.
- conselhos de profissionais tradicionais da área da saúde abrem-se para algumas entre as várias terapias "alternativas".

#### MAIORES INFORMAÇÕES:

SENAC  
Caixa Postal 3595  
01060-970 - São Paulo - SP  
Fax: (011) 607.7976



## PAINEL

### Ecologia levada a sério

O *Jornal Verde* já está na edição número 53, totalizando 4.905.000 exemplares distribuídos gratuitamente. Graças à iniciativa privada, com o apoio do Banco Mercantil de São Paulo, das Instituições Finasa e da Fundação Cecília Souto Vidigal, os 70.000 exemplares chegam todos os meses às escolas interessadas. É um importante instrumento de informação para os professores de todas as disciplinas e, em particular, para os de educação ambiental.

Além de abordar temas de botânica, zoologia, mineralogia e ciências, traz notícias de atualidade sobre projetos ecológicos que estão dando certo no Brasil inteiro. São destaques empresas e indústrias que mudam suas estratégias a fim de se ajustarem às demandas, cada vez maiores, de consumidores conscientes da urgência em preservar a natureza. Igualmente interessantes são as quatro páginas do Suplemento Especial dedicado aos jovens, que publica cartas, artigos, fotos, iniciativas ecológicas e protestos da própria garotada.

**PARA SOLICITAR ASSINATURA GRATUITA E INFORMAÇÕES ADICIONAIS:**

Av. Paulista, 1450 - 01310-917 - São Paulo - SP - Brasil

### Prêmio UNESCO

Dando continuidade às atividades do Ano Internacional da Tolerância, a UNESCO premiará obras literárias – novelas, contos, livros ilustrados, gibis cômicos e não-ficção – em duas categorias: para crianças de até 12 anos e para jovens de 13 a 18 anos.

Serão aceitas obras publicadas durante os dois anos anteriores à data de apresentação. Os títulos escritos em línguas diferentes do árabe, chinês, espanhol, francês, inglês e russo, têm que estar acompanhados de um resumo em inglês ou francês.

As obras candidatas ao Prêmio de US\$ 8.000,00 (oito mil dólares), para cada uma das duas categorias, deverão ser apresentadas por seus editores através da Comissão Nacional da UNESCO sediada no país. A data limite para apresentação das obras é 30 de abril de 1996.

O Prêmio UNESCO de Literatura Infantil e Juvenil em Prol da Tolerância visa lembrar, de forma duradoura, a importância fundamental de cultivar na mente e no coração das crianças do mundo todo as sementes da tolerância e da paz.

#### MAIORES INFORMAÇÕES:

Divisão do Livro e Direitos do Autor - a/c Sra. Maha Bulos  
UNESCO - 1, rue Miollis - 75732 Paris-Cedex 15 - France  
Fone: (33.1.) 45.68.43.40 Fax: (33.1.) 42.73.04.01

### Tecnologias do sagrado

Este será o tema do congresso organizado pela Associação Internacional Transpessoal, de 16 a 21 de maio de 1996, no Hotel Tropical, em Manaus.

Os acontecimentos das últimas décadas deixam evidente que as resoluções efetivas para a crise mundial e seus sintomas – destruição ecológica, violência e dependência compulsiva de toda espécie – requerem uma profunda transformação psicoespiritual da humanidade. Sob essa perspectiva, o congresso busca explorar o universo da sabedoria ancestral, aborígine, e as técnicas modernas capazes de propiciar o acesso experiencial às dimensões sagradas da existência.

A dinâmica do evento integra conferências, oficinas, música, dança, artes visuais, filmes e vídeos, passeios pela floresta, pelos rios Amazonas e Negro. Entre os palestrantes confirmados, os destaques são para Stanislav Grof – organizador geral do congresso –, Deepak Chopra, Chungliang Al Huang, Stanley Krippner, Ralph Metzner, Ram Dass, Roger Walsh, Frances Vaughan, Peter Russell.

O comitê organizador da América do Sul está composto pelos seguintes membros: Doucy Douek, Kiu Eckstein, Carlos Martinez Bouquet, Maria Lucia Sauer Holloman, Marcela Mayol Miguens, Marco Andre Schwarzsstein, Pierre Weil e Roberto Ziemer.

#### INFORMAÇÕES:

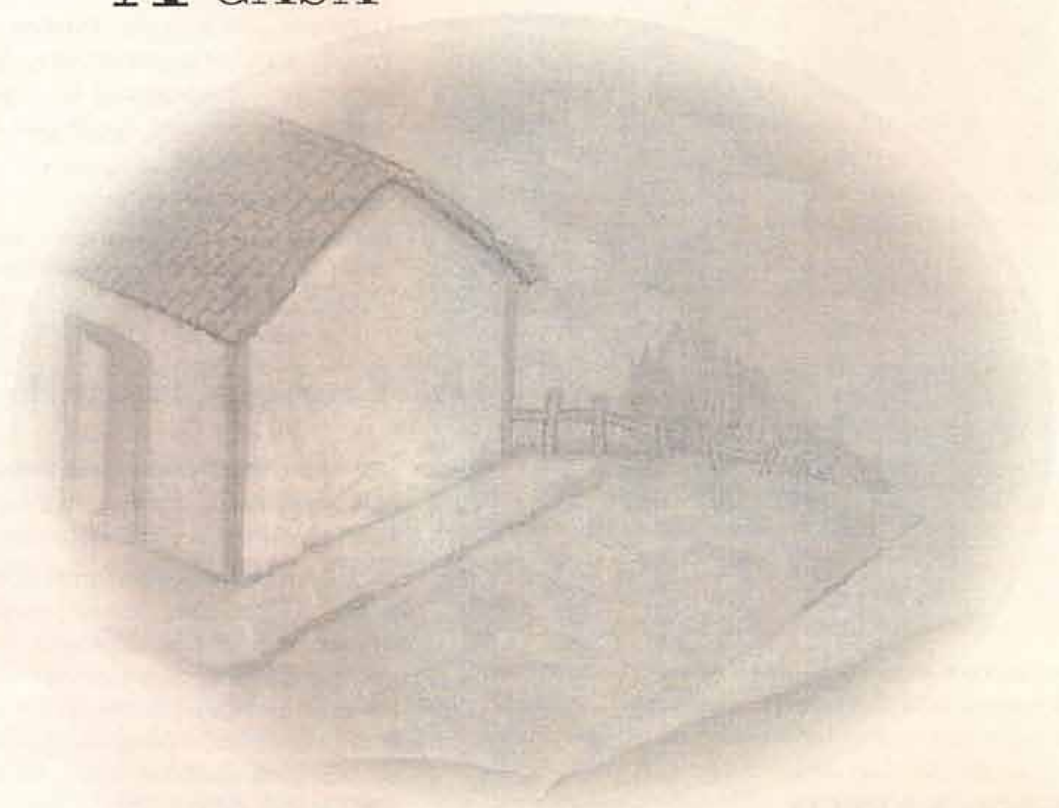
Doucy Douek - Fone e fax: (011) 65.7727 - São Paulo - SP



PAULO BOMFIM

---

# A CASA



## A TERRA

Da semente noturna a terra cresce.  
Cresce, para depois dormir o sono dos cristais  
E delirar pássaros pousados  
Na canção de seus braços de argila.  
Brotada de um riso vermelho,  
Sulcada de nuvens suicidas,  
Pisada pelo passo  
Dos que ofereceram seus olhos  
Para que as violetas pudessem nascer.  
Da semente da noite a terra cresce.  
Vem da alma do tempo,  
Molhada de estrelas,  
Com vento nos cabelos  
E essências verdes que habitarão  
A infância do dia.

Surge do longe,  
Sonhada antes do sonho,  
Noturna com sua coroa de luas,  
Fecunda com sua túnica de primaveras,  
Solitária como a água que veio da montanha  
Trazendo a semente dos dias remotos.  
A terra é a carne.

Renascemos.



## AS PAREDES

Do nada formam-se os escudos.  
 Em torno rugirão as tempestades;  
 Dentro, o calor do sonho  
 Ouvirá a canção dos minutos  
 No túnel de nossas veias.  
 Sobre a cal, a hera se alimentará do efêmero  
 Enquanto construimos eternidade.  
 Nos escudos, chuvas desenharão  
 A história fantástica do silêncio  
 E o vento descerá o frio de suas espadas  
 Contra o lado de fora de nós mesmos.  
 Para o antípoda,  
 As pedras verticais serão estrelas  
 Cavando noites na terra.  
 Para os que sonham o amor,  
 As pedras serão caminhos  
 Sugados pelo infinito.  
 Do nada formam-se os escudos.  
 Quatro faces se alongam  
 Em nossa insônia.

## O TELHADO

Vem de longe, do fundo do mistério.  
 Peixe que se alimenta de nuvens,  
 Navega pelo tempo com escamas  
 Que se cobrirão de musgo.  
 Vem de longe, do coração do silêncio.  
 Pássaro ferido  
 Dorme de asas abertas  
 Sobre calendários.  
 Vem de longe, dos grandes bosques ancestrais.  
 Mãos de terra cobrindo nossos rostos,  
 Doce máscara de argila  
 Que inutilmente nos oculta  
 A verdade que cresce nos beirais.

## O AR

Em nossa transparência  
 Os muros da carne.

Em nossa angústia  
 O vento rebelde.

Em nossa nuvem  
 O vôo do pássaro.

Em nossa fonte  
 A água invisível.

Em nossa árvore  
 A serpente do nada.

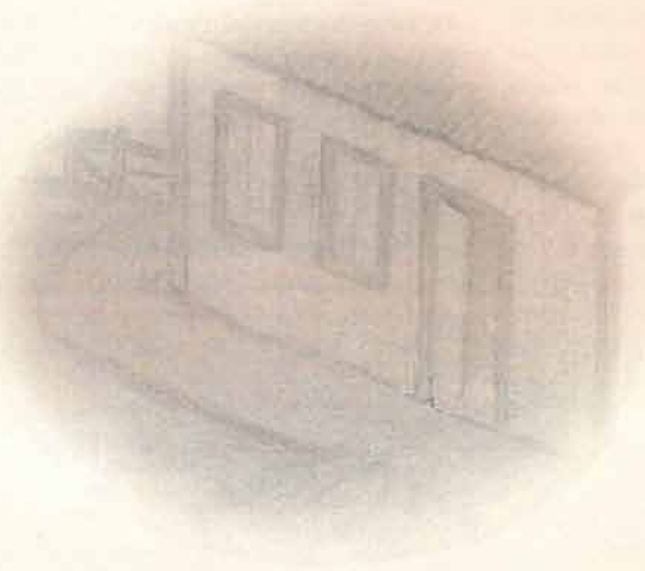
Somos o ar  
 Na torre das palavras.





## A PORTA

A alma das árvores  
 Habita o limiar de nossa irreabilidade.  
 Dos dedos que tateiam  
 Rolam frutos do medo.  
 Somos seiva correndo  
 Em caules gigantescos,  
 E o nosso grito é raiz  
 Mergulhada no chão dos que adormeceram  
 Antes que fôssemos despertos.  
 Sorrimos  
 E nossos dentes refletem  
 O sol que é sonhado  
 No corpo, onde as chaves criam mistérios.



## A ÁGUA

Despe, na solidão da tarde,  
 Tua roupagem manchada de cotidiano,  
 E deixa que a chuva molhe teus cabelos  
 E vista teu corpo de escamas de prata.  
 Pousa, em teus ombros, o manto dos lagos  
 E colhe no cântaro de tuas mãos  
 A música dos dias que adormeceram  
 No fundo de teu ser.  
 Mármore líquidos moldarão teu corpo.

Nuvem,  
 Penetrarás a carne da manhã.

## A ESCADA

Na cascata de pedra  
 Meus passos de espuma.

Enquanto os sóis se apagam  
 E os satélites da loucura  
 Bebem o azul das flores;  
 Enquanto a goteira  
 Pinga minutos em minhas mãos  
 E a alma se evapora  
 Dos olhos abertos;  
 Enquanto a música do sangue  
 Gasta meu silêncio.

Na cascata de pedra  
 Meus passos de espuma.

## O ESPELHO

A labareda de prata cresta  
 Os cabelos da estátua que chora;  
 Marca o silêncio  
 Da estátua que pensa;  
 Retém o tempo que sai  
 Pelos poros da argila.  
 Na clareira dos dias,  
 A floresta cria o castelo  
 E as princesas enfeitam  
 O reino dos cisnes.  
 Na labareda de prata  
 Derretem-se nossos dedos  
 Enfeitados de safiras.



## A MESA

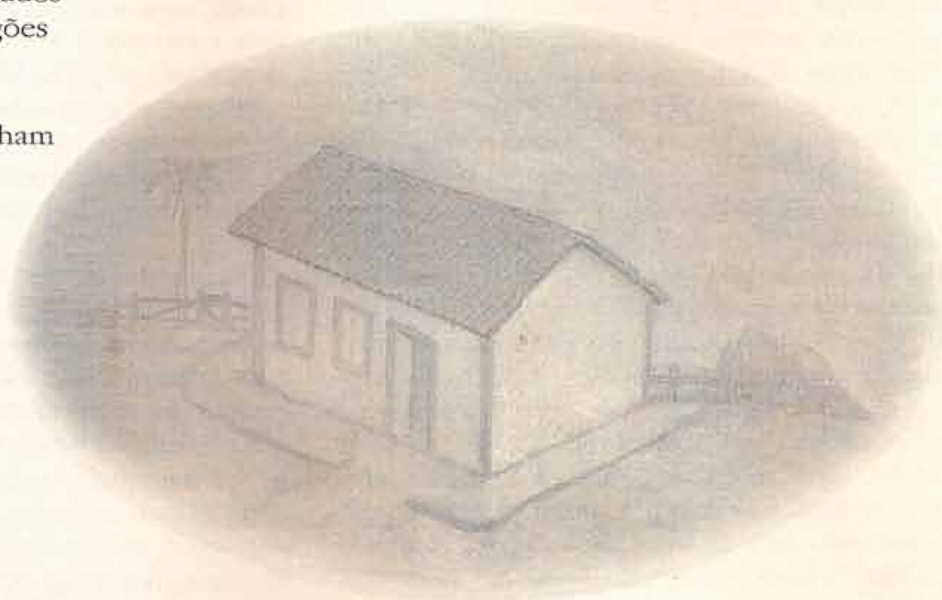
Sobre teu corpo, ovelha silenciosa,  
 A tarde espalha o bronze dos sinos  
 E a mão do mago semeia.  
 Sobre tua lã petrificada  
 Os caminhos de trigo  
 Afluem para o sangue  
 Das videiras profanadas.  
 Sobre tua inocência  
 Brota o verso  
 Que banhará teus pés atolados  
 Na campina, onde há dragões  
 Mastigando fogos verdes.

Em teu silêncio se tresmalham  
 Olhares do não ter sido.

## O LEITO

Vem de ontem  
 Flutuando no rio-tempo,  
 Balsa feita de nós mesmos,  
 Árvore dos séculos  
 Crescendo na sombra  
 Com ramos de insônia trançados no abismo.  
 Somos um só: o leito – o amor – a morte.

Alvos lençóis nevam noturnamente.



## O FOGO

Fome dourada,  
 Salamandra.

Punhal de prata,  
 Salamandra.

Grito vermelho,  
 Salamandra.

Alma da terra,  
 Salamandra.

Mão dos oráculos,  
 Salamandra.

Somos a chama,  
 Salamandra.

Despertaremos.

## A JANELA

Na parede do mundo abre-se a janela:  
 Somos paisagem.

O olhar cruzou fronteiras de vidro:  
 Somos estrangeiros.

A alma navega em barcos de luz:  
 Somos naufrágio.

Pássaros flutuam na manhã cobalto:  
 Somos cantiga.

Surge a lua nova em nossa lucidez:  
 Somos transparência.

Na parede do mundo fecha-se a janela:  
 Somos a viagem.



## LEITURA DO POEMA

HERALDO BARBUY

A casa é o símbolo do espacial, assim como o ano é o símbolo do temporal: os anjos da casa e os anjos do ano se saúdam. Hölderlin e Heidegger dizem que é nesse duplo quadro, espacial e temporal, que devemos nos integrar para ver o que é o princípio da Natureza.

A casa do poema vem do mais fundo do sonho, *é sonhada antes do sonho*, como a nostalgia das florestas que vivem na intimidade do que somos. *Vem de longe, dos grandes bosques ancestrais*. Perde-se entre névoas e neblinas, como a recordação dos tempos antigos, dos tempos em que havia casas, quando também havia intimidade e vida interior. A casa é o símbolo do encontro silencioso consigo mesmo; quando nos fechamos para o não-poético do mundo; quando nos recolhemos na vida mística dos castelos interiores: os castelos de Santa Teresa e a noite escura de São João da Cruz. Porque os castelos são o que há de mais inexprimível, o encontro do humano e do divino. O elemento divino – a torre – se levanta acima dos elementos telúricos, a terra, o ar, o fogo, a água.

A casa do poema está no centro dos quatro elementos e os reúne numa síntese que se volta para o divino. É um mistério e suas chaves criam mistérios: reabrem as portas da comunicação com o que está sepulto em nós, restabelecem a harmonia do passado e do presente, destroem o conflito entre o tempo e o espaço, entre o diurno e o noturno, entre o inconsciente e o consciente. Está entre o dia e a noite, desponta daqueles instantes em que não estamos despertos nem adormecidos e prefigura a paz em que queremos imergir. A casa é simbolicamente a vida interior e a segurança do seio materno. É o berço onde nascemos e os quatro elementos aos quais retornamos. Ao redor dela se estende a floresta densa, com a qual se confunde.

O poema nos diz que se pudermos renascer, só na casa renasceremos. *Trazendo a semente dos dias remotos*, a casa é incomunicável como a água que

*veio da montanha*; é solitária como cada um de nós, como cada indivíduo, é original e única. Só podemos nos encontrar na casa de nós mesmos, porém cada vez mais nos perdemos de nós mesmos, e esta perda se exprime no inferno das grandes urbes onde não há mais casas: não há mais casas porque ninguém mais é *si-mesmo*. *Le collectif c'est le diable*, disse Simone Weil.

O primeiro elemento da casa é a terra, em que ela deita raízes e de onde sobem as raízes que a cobrem.

As paredes da casa são o tema da insônia. A casa como símbolo da continuidade dos antepassados, continuidade agora rompida no anonimato e no coletivo, a casa que se levanta com suas quatro paredes e na insônia sonhamos a segurança que perdemos. As paredes eram “escudos” em torno dos quais rugiam as tempestades. O herói afrontava então o perigo porque tinha um ponto de segurança, as muralhas do castelo intransponível. Mas agora não temos ponto de apoio nem de referência. Desapareceram os quatro quadrantes do horizonte, a preocupação e a angústia são a essência da nossa existência: a preocupação – *Sorge* – coincide em Heidegger com a finitude, a temporalidade e a morte.

Sem casa, a nossa temporalidade se restringe, não continuamos os que nos antecederam, nem precedemos os que nos sucedem. Estamos perdidos e não sabemos onde: não há mais a casa materna. E da continuidade religiosa e mística, da continuidade metafísica expressa pela casa, só nos resta a noção miserável de que somos um elo no mecanismo do passado e do futuro. A casa se esvaiu e nós nos esvaímos na insônia. Somos agora máquinas e moramos em máquinas. Não há mais a continuidade da casa. Só resta a continuidade do mecanismo. Se pudéssemos dormir, voltaríamos ao sonho da casa, que se oculta, como um arquétipo nostálgico, no fundo subjacente do que ainda vive em nós.



Sonhamos então com a *história fantástica do silêncio* mas quando acordamos só nos resta o ruído, o mecânico, o técnico, o moderno. Mas a casa dorme no fundo de nós. Tal como a floresta que por vezes ressuscita, como em Wagner ressuscitavam os deuses do Walhalla.

O telhado é como *um pássaro ferido, que dorme de asas abertas sobre calendários*. O calendário significa o tempo da poesia e o pássaro está ferido pela tristeza que vem de longe, novamente *dos grandes bosques ancestrais*. Mas os bosques se obnubilam e a casa agora tem uma verdade, a *verdade que cresce nos beirais*. É uma casa de antanho, que veio do outro lado dos mares, batida pelas ondas e onde nos protegemos, na tradição do conhecido, contra o desconhecido. Tudo é estranho. A *água invisível* se perde na mata. Na árvore, não a serpente da tentação mas a *serpente do nada*. Por um momento, a torre alta e mística deixa de ser vida e se torna simples recordação pensada, objeto de um passado morto, que se venera mas que já não se vive: torna-se uma torre conceptual, *torre de palavras vazias*. Nela não tangem mais os sinos, nem os pagens antigos aguardam a chegada do viajante.

Mas a casa retorna quando passa o obscurecimento, quando imergimos em arcanos mais fundos. Seu retorno se insinua com *a alma das árvores, que habita o limiar da nossa irrealidade*, do que chamamos a nossa irrealidade. Temos medo mas a alma das árvores se converte nos *caules gigantes* e a raiz grita em nós, *mergulhada no chão dos que adormeceram* e sorrimos porque nos reencontramos. As chaves da casa são as chaves do que somos no mais profundo e elas abrem mistérios. *Revivemos a música dos dias que adormeceram*. E o amor nostálgico da água, da umidade, da fecundidade, da floresta impenetrável por onde a água corre: cavaleiros de lança invencível, em jornadas mágicas vencemos os quatro elementos, o elemento quaternário de que fala Jung. Tudo é encantamento, como nas batalhas inenarráveis de Lancelot conquistando o Castelo da Dolorosa Guarda, atravessando o subterrâneo dos obstáculos, destruindo o medo, vencendo o diabo e a morte e transformando as muralhas do sofrimento no Castelo da Guarda Feliz. *As princesas enfeitam o reino dos cisnes e os nossos dedos se derretem, enfeitados de safiras*. Não, o passado não está morto. Vive em nós e nós somos os silenciosos

cavaleiros que lutam contra as muralhas da Dolorosa Guarda e venceremos o demônio e suas perfídias.

Mas o presente volta e no espelho, quando vemos a que estamos reduzidos, somos *a estátua que chora, a estátua que "pensa"* mas já não vive, não pode viver fora do tempo das fadas *que enfeitam o reino dos cisnes*. Então vemos a mesa, onde o pão e o vinho foram repartidos desde os tempos imemoriais, desde o tempo da nossa vida. Na mesa dormiram o primeiro sono os ancestrais que morreram. E a mesa era a unidade da família, a unidade do seu anjo tutelar, feita de um só tronco inconsútil. A mesa porém está profanada, *as videiras estão profanadas*. Profanada a vida e profanada a morte, a morte que não é mais solene, que não é mais a nossa morte porque no inferno coletivo já não se morre a própria morte, a morte já não tem sentido. A mesa profanada e o testemunho de Sartre: *"Nous mourons par dessus le marché"* ("ainda por cima, nós morremos").

Os lençóis do leito *nevam noturnamente* e os ramos da grande árvore, da grande floresta, do grande momento, só nos aparecem agora como algo indecifrável, incompreensível para a nossa vigília... como *ramos de insônia trançados no abismo* que nos devorou.

Superar o abismo na síntese da casa de nós mesmos e da casa remota que jaz no fundo de nós. A ressurreição do poeta vem pelo fogo, pela dança das salamandras e o poeta desperta. Uma indefinível paz de superação desce sobre o seu cansaço: ele compreende o irremediável. Perdoa o estado de vigília e perdoa o próximo repulsivo. O outro já não é para ele um limite. Pela janela da casa ele funde o próximo com a paisagem. É um naufrágio, mas *navega em barcos de luz*. O poeta se torna transparência, mas depois da superação do abismo, *na parede do mundo fecha-se a janela*. O poeta reconhece melancolicamente que o seu mundo está morto e que ele é apenas viagem. Depois do abismo em que está projetado, além da miséria e da modernidade, o poeta há de voltar a casa, no reino das fadas e do encantamento.

Originalmente publicado na revista *Diálogo*, n.º 2, de dezembro de 1955. Reproduzido nesta edição de *Thot* por sugestão do professor Ignacio da Silva Telles.

As ilustrações do poema são detalhes do mural *Juca Mulato*, pintado por Menotti Del Picchia.



NESTOR REINOLDO MÜLLER

---

# ANTIGOS NOVOS GNÓSTICOS

O crescente interesse pelos antigos gnósticos espelha a identificação de buscadores contemporâneos com os caminhantes do verdadeiro conhecimento da vida, no passado. Por isso ressurgem tão atuais.



NESTOR REINOLDO MÜLLER é teólogo católico. Foi membro fundador da Casa Sri Aurobindo e noviço do Mosteiro de São Bento da Bahia. Entre outras atividades, leciona criatividade na Escola Superior de Propaganda e Marketing.



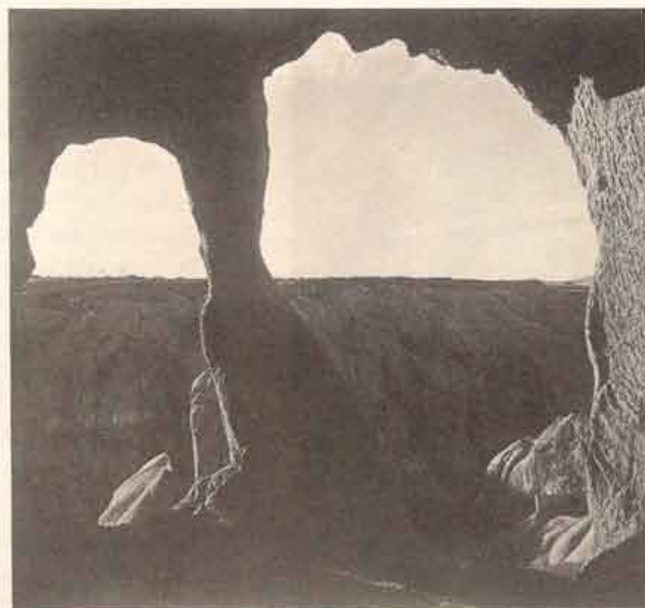
Como descrever a religiosidade dos povos do Leste do Mediterrâneo e do Oriente Médio, nos séculos em torno ao início da era cristã? Sob o manto uniformizador do helenismo, estendido pela expansão bélica de Alexandre a partir de 334 a.C., costumes e tradições locais não só resistiram e ao mesmo tempo se adaptaram aos novos padrões dominantes, como passaram depois a se intercomunicar com maior fluência através da língua grega comum. E por fim brotou, por toda parte, uma impressionante variedade de movimentos sincretistas. Cada um interpretando a seu modo sua própria raiz mais antiga e local, assimilando a sabedoria e os conhecimentos que chegavam de outras fontes. Formando, assim, como uma rede viva e diversificada que dava expressão às agudas inquietações da alma humana daqueles tempos.

Foram séculos marcados por intensa fermentação espiritual, em busca de caminhos mais livres, capazes de responder aos novos desafios. Sabemos que essa aspiração e esses questionamentos produziram uma vasta literatura, tematizando suas idéias e vivências e dando consistência às escolas, aos grêmios, às comunidades que por toda parte se dedicavam ao estudo e a práticas de autoconhecimento e mútua-ajuda.

Abordaremos alguns aspectos de uma parcela desses grupos – parcela nada uniforme – que se destaca por uma certa mística comum, rotulada pelos europeus do século XVII como “gnosticismo”. Sim, eles buscavam a *gnôsis*, o verdadeiro conhecimento da vida. E para isso tinham a coragem de questionar a fundo os dogmas antigos e a ousadia de querer superar os limites do entendimento humano.

As investigações sobre o gnosticismo têm sido impulsionadas em nossos dias tanto por novas descobertas e edições de documentos antigos, quanto por um momento de especial curiosidade pública acerca da mensagem trazida por essas fontes. Não nos cabe aqui mais do que indicar o fato: o atual reavivamento do “senso do sagrado”, enquanto nota característica de nossa crise cultural planetária, com todos os riscos, tensões e esperanças que isso possa comportar, é uma das razões dessa imensa demanda acerca de grupos que, em outras épocas de transição, também buscaram caminhos livres e sinceros para celebrar o significado de suas vidas. Esse interesse tem sido fomentado por descobertas arqueológicas realmente formidáveis, das quais devo citar ao menos três, de primeira importância para nosso tema:

Em primeiro lugar o achado, no início deste século, em escavações no oásis de Turfan, no Turquestão chinês, de várias obras maniqueístas, datando do século IV d.C. ao século VII, em língua persa, turca e chinesa. Essas fontes atestam a vasta divulgação do



Khirbet Qumrân: Uma gruta de manuscritos do Mar Morto.

maniqueísmo – sobre o qual o leitor encontrará em seguida informações – e nos permitiram conhecer bem melhor essa religião que chegou, no século IV, a rivalizar com o cristianismo. Isso foi ainda ampliado em 1930, quando foi descoberto um conjunto de papiros maniqueus em língua copta, no Fayum egípcio, a cerca de 90 quilômetros ao sudoeste do Cairo. São aproximadamente 3.500 folhas mal conservadas, datando do século IV, que ainda se acham em curso de publicação. Aí estavam livros até então perdidos, do próprio fundador, Manes, além de outras importantes obras, trazendo uma adição inestimável à história.

Em segundo lugar, o sensacional achado em 1945, perto da cidade de Nag Hammadi, no Alto Egito – cerca de 60 quilômetros ao norte de Luxor –, de uma grande jarra de barro contendo uma biblioteca que deve ter pertencido a uma comunidade gnóstica copta dos anos 350-400 d.C. Um total de 13 códices, contendo 51 obras, em mais de 1.100 folhas de papiro foram assim preservados sob o solo arenoso do deserto. Camponeses árabes toparam com a jarra por acaso. Sem saber seu valor, ainda extraviaram algumas folhas antes de vender tudo no mercado negro. Hoje esse tesouro está no Museu Copta do Cairo. São versões, em língua copta, de livros gregos, em sua maior parte desconhecidos aos historiadores. Aí estavam também obras de que se tinha apenas notícias ou fragmentos, como o belíssimo *Evangelho de Tomé*, que remonta ao início do século II d.C., ou o *Evangelho da Verdade*, citado por Irineu de Lião em seu tratado contra as heresias.

E há uma outra descoberta que muito contribuiu para um novo entendimento dessa época, embora se relacione apenas tangencialmente aos movimentos





Uma das jarras que guardavam os manuscritos, após sua restauração.

gnósticos. Estou me referindo aos magníficos documentos encontrados em 1947, de início casualmente como também ocorreu com os de Nag Hammadi, posteriormente através de cuidadosas pesquisas, em algumas cavernas próximas ao Mar Morto. Os célebres manuscritos essênios do Mar Morto. Eles nos permitiram como que entrar no cotidiano de um grupo de pessoas que viveu radicalmente sua opção religiosa incomum, comunicando-nos um testemunho direto da sua grandiosa esperança.

Pesquisadores de vários países acham-se ainda hoje debruçados sobre essas preciosidades, no paciente labor de decifrar suas escritas antigas, preparando-as para publicação. À medida que vão analisando as implicações desses novos dados, concordam que tais fontes estão nos levando a uma revisão de conceitos, bem como a um novo entendimento desse passado tão instigante.

**AS ORIGENS DO GNOTICISMO** – Até o século passado, as informações disponíveis sobre os gnósticos dependiam quase que exclusivamente das refutações que lhe haviam sido dirigidas por seus contemporâneos cristãos. A literatura cristã, dedicada a discutir – às vezes minuciosamente – alguns autores gnósticos, foi conservada. As próprias fontes gnósticas, combatidas, tenderam a ser destruídas ou esquecidas. Por isso, a compreensão sobre o ambiente religioso do helenismo tardio achou-se obviamente moldada pelo filtro através do qual se olhava para o passado. O filtro dos séculos da hegemonia cristã. É compreensível, então, que até o início deste século o gnosticismo fosse encarado como sendo uma heresia cristã, seja como um desvio da doutrina

dos Evangelhos, seja como “uma aguda helenização do cristianismo”, como o afirmou, na última década do século passado, o grande teólogo protestante Adolf von Harnack, da Universidade de Berlim.

Em verdade, se pudéssemos nos colocar diretamente dentro dos séculos I a III d.C., veríamos o movimento dos seguidores de Jesus como apenas um, em meio a um turbilhão de outros movimentos locais. Vários deles empreendiam uma propagação mais extensa, despertando simpatizantes e adeptos à medida que eram disseminados através das rotas comerciais.

Sob a hegemonia helenista, a assimilação de elementos culturais gregos, em variados graus de profundidade, tornou-se generalizada no Oriente Próximo. Ser grego não era uma questão de nacionalidade, mas de educação. A pressão constante dessa cultura cosmopolita remexeu com a identidade dos povos da região, gerando um caldo de misturas que tornou quase irreconhecíveis muitas das distinções anteriores. Os vários movimentos religiosos, entre eles os gnósticos, representam ondas de reação, tentando afirmar conteúdos genuinamente orientais, ainda que sincretizados a elementos da mentalidade grega. Isso pode ser visto, por exemplo, no judaísmo tardio, que lutou até com sangue para manter a identidade, mas não deixou de assimilar noções provenientes da presença dos dominadores helênicos. Isso pode ser visto no cristianismo primitivo, que levou séculos elaborando sua teologia para dentro das categorias gregas,

através de acirrada discussão entre dezenas de correntes. Também pode ser constatado, de modo estupefante, na cidade de Alexandria, capital cultural do Mediterrâneo, onde aportavam e se amalgamavam todas as ciências e idéias do mundo da época, berço de realizações que até hoje nos assombram.

Detalhadas pesquisas atuais no campo da história das religiões demonstraram a originalidade do movimento gnóstico, sua força própria, sua independência e articulação em relação ao cristianismo e a todas as antigas tradições da época. Um dos mais respeitados mestres no tema, Hans Jonas, professor em Jerusalém, Ottawa e Nova York, aponta como fator unificador em todas as variadas formas da gnose essa mesma atitude existencial de resistência, animada por um espírito de investigação independente que foi capaz de formular uma síntese do sentimento de mundo da Antiguidade tardia.

É consenso hoje perceber que na origem dos movimentos gnósticos se encontra a junção de três grandes tradições: a mesopotâmica, a judaica e a grega. Do Irã provieram o dualismo, a idéia do salvador, a visão do processo de ascensão da alma desde o mundo material ao mundo espiritual, a cogitação de um percurso completo do mundo desde sua origem até o tempo final. Traços do judaísmo estão claros na idéia



monoteísta do Absoluto, na idéia de um tempo originário e da criação universal, na concepção de uma história da salvação. A mentalidade grega pode ser detectada nas concepções dualistas do tipo corpo-e-espírito, ser-e-tornar-se, protótipo-e-cópia, na idéia platônica do demiurgo e na terminologia que forneceu os conceitos básicos usuais.

O ambiente provável para a irrupção dos primeiros grupos gnósticos tem sido procurado ora em Alexandria, com suas condições únicas de liberdade, ora na região sírio-palestina, do século I a.C., com seus dramáticos conflitos ideológicos.

Tanto Hans Jonas, quanto Kurt Rudolph e Birger A. Pearson, da Universidade da Califórnia, entre outros, têm afirmado que os indícios mais claros apontam para intelectuais judeus ou samaritanos helenizados, como sendo os primeiros formuladores da gnose. Esses grupos estavam vivendo numa situação de profunda frustração diante do fracasso do programa social e religioso da tradição de Moisés. A nostalgia de um chefe poderoso como David, que restaurasse a Aliança, o Reinado e o Templo, mostrando o poder supremo de YHWH, o Deus único, estava sendo desmentida pelos fatos, desde a destruição do Templo de Jerusalém por Nabucodonosor, em 586 a.C. O Templo fora parcialmente reconstruído, sim, mas deuses gregos chegaram a ser introduzidos em seus átrios. A revolta dos macabeus, iniciada em 167 a.C., fora uma conquista passageira. O povo judeu viu-se novamente fragmentado em grupos conflitantes. E não havia mais profetas.

Nessa conjuntura de decomposição, sob o jugo grego e depois romano, algumas pessoas acabaram por romper com a ortodoxia mosaica, assimilando de modo mais decisivo conceitos irânicos e gregos. Questionaram a força de seu Deus tribal, ciumento e cruel. Levantaram-se contra as religiões de submissão e estreiteza mental, afirmando as potencialidades do conhecimento. Elaboraram então uma teologia de insurreição espiritual frente à dureza daquele mundo de fatalidades. Quiseram demonstrar a futilidade do mundo real frente à grandeza do mundo interior. Com isso mantinham a vontade de superar radicalmente seu contexto concreto, embora renunciando à disposição de modificá-lo efetivamente. Entendida dessa maneira, a gnose não é uma expressão de conformismo, mas de rebeldia e liberdade frente a um mal que não se consegue compreender.

Se essa hipótese estiver correta, pequenos grupos sírio-palestinos aos poucos irradiaram essas idéias e atitudes até as cidades gregas da Ásia Menor ao norte, e até Alexandria ao sul, onde encontraram ressonância e acolhida. Desses centros a proposta se espalhou em todas as direções, com liberdade e variedade de formas intelectuais, sem nunca ter criado uma organização ou um modelo unificador.



Delphi, santuário de Apolo.

**ESTRUTURAS DO PENSAMENTO GNÓSTICO** – Falar da doutrina gnóstica no singular é uma mera abstração didática. Nunca houve uma unidade formal ou mesmo tentativas de coordenação entre esses grupos, espalhados por uma extensão geográfica e cultural bem ampla. Seus líderes eram intelectualmente talentosos, individualistas, não-conformistas, avessos a estruturas dadas de antemão, devotados à experiência de um conhecimento pessoal direto da verdade interior, que lhes garantia uma autonomia sincera.

Contudo, é evidente que certos temas foram partilhados. Transmitidos em forma de fábulas, hinos, exortações, mas também em discursos sistemáticos, esses temas foram formando um “mito básico”, do qual é possível extrair um quadro de referência comum a toda mentalidade gnóstica. Das tentativas de síntese elaboradas por K. Rudolph e H. Jonas, é possível extrair cinco pontos básicos:

**1. DUALISMO FUNDAMENTAL.** As relações entre o homem e o mundo estão marcadas por uma oposição incessante, entre o bem e o mal, entre Deus – transcendente e supra-cósmico – e o universo – domínio da escuridão e da ignorância. Este universo é regido pelos poderes cósmicos, os arcontes e demiurgos – termos gregos para “magistrados” e “deuses intermediários, criadores”. A existência dessas entidades inferiores é compreendida como resultado de uma remota série de emanções do Divino, cada vez mais



densas, tão distanciadas de sua origem que esqueceram e por fim romperam com o conhecimento da verdadeira vida que está em Deus. Tornaram-se então inimigos das energias divinas, dando princípio ao mal. Esse dualismo antitético representa uma radicalização das posições de Platão ou Zoroastro, que já contemplam a distinção mental nítida e totalizante entre espírito e matéria.

**2. MONISMO ESPIRITUAL.** Entendendo o mundo sensível como uma imensa prisão, os gnósticos colocam a luz e a verdade totalmente fora do plano material. Este nosso mundo não é "real". A realidade é somente o Reino desconhecido, eterno e puro, em cujo centro está Deus. Ele constitui a unidade original de onde emanaram energias que foram originando esferas divinas, nas quais brotaram novos seres. Estes foram por sua vez se expandindo e multiplicando, num movimento infundável que aos poucos enfraquece e acaba por esquecer sua ligação com a essência divina. Tal processo arrasta os seres por ele criados, os quais se perdem num devir sem limites e passam a usar a obscuridade – o caos – como matéria prima para uma nova criação. Isto é, a criação do universo denso e material. Em geral se fala de sete esferas e sete deuses nesse cosmos, cuja última manifestação é o mundo sensível. Esta é uma idéia tirada do panteão babilônico, revestida com nomes judaicos. Mas há uma tendência a estender o número desses graus que separam o homem da sua origem. Basilides fala em trezentos e sessenta e cinco céus ou esferas densas, cada um regido por um Arconte, segundo as férreas leis do Destino.

Tal combinação de dualismo e monismo é o traço marcante da gnose mais antiga. Ele será depois redenhado por Manes, que propôs um dualismo absoluto, com dois princípios originais.

No plano material, o ponto crucial da criação é o ser humano. O Demiurgo e os anjos planetários criaram o homem natural, o primeiro Adão, mas não puderam evitar que nele fosse colocada uma "centelha" da substância espiritual original. Isso confere ao ser



Detalhe de Left the Annunciation, Martini.

humano o poder de participar do Reino transcendente, o poder de alcançar uma compreensão do drama da criação, a capacidade de definir para si mesmo a meta de regressar ao conhecimento pleno de Deus. O homem é como um elo que mantém conectados o mundo transcendental – através de seu espírito, e o mundo sensível – através de seu corpo e alma movidos pelas forças cósmicas. Quando se acha em seu estado humano natural, o espírito, imerso nas sete vestes anímicas, é inconsciente de si mesmo, intoxicado pelos venenos do mundo, ignorante de sua verdadeira dimensão. A gnose – conhecimento revelado – é a realização de seu despertar e de sua libertação.

**3. A SALVAÇÃO.** Todas as considerações cosmológicas e antropológicas da gnose convergem em direção ao drama da obra redentora do deus interior. A cena inicial é constituída pelos volúveis desenhos do conflito entre espírito e matéria, dentro da vida do ser humano. O momento decisivo da passagem – do vago e errático devir cósmico para o gradual mas firme retorno à verdade – é simbolizado pelo despertar de Adão, quando lhe são abertas as portas que conduzem ao conhecimento. Esse conhecimento – a gnose – não é um saber erudito ou racional, mas sobrenatural, a gnose viva que só se expressa em símbolos. Conhecer as misteriosas conexões da verdadeira vida, presentes tanto no universo macrocósmico como nesse universo microcósmico que é o homem, é fruto de uma paciente disciplina e de um constante acolhimento das fontes da revelação. Esse conhecimento dá e é em si mesmo a salvação.

A visão de mundo gnóstica em geral prescinde da noção cristã do pecado. Portanto salvação não se confunde com redenção de pecados, mas é a libertação do cárcere constituído pelo corpo e pela matéria, submetidos à lei de reencarnação. Essa libertação não se dá por um ato singular, como a cristã da redenção universal de Cristo, mas por um extenso processo de transformação interior. Toda a literatura que se elaborou e transmitiu dentro das comunidades gnósticas



deve ter sedimentado, no correr dos séculos, um autêntico tirocínio nos processos psicológicos e mentais do desenvolvimento espiritual. Quão lamentável foi sua perda!

**4. O PROCESSO DE LIBERTAÇÃO.** A ascensão da alma em direção à luz e à paz eternas é um caminho muito longo, perigoso. A cada nova esfera alcançada, os Arcontes barram os acessos, urdem ciladas para enganar o espírito, assim como armadilhas para mantê-lo prisioneiro de ilusões. Todas as virtudes devem ser desenvolvidas para se poder confrontar os inimigos, sustentando o lento avanço até a plenitude das Mansões divinas. Os textos recentemente descobertos mostram como tardiamente se elaborou na gnose o conceito de um julgamento final, em termos não só pessoais como cósmicos: as partículas de luz reúnem-se na alegria de sua origem, enquanto as forças obscuras se desfazem completamente.

**5. A VIDA MORAL.** Os "espirituais" (*pneumatikói*), ou portadores da gnose, tenderam sempre a isolar-se socialmente, afastando-se para animar pequenos grupos de convivência diferenciada, ou escolas dotadas de uma estrutura rudimentar. Somente os maniqueus e os marcionitas chegaram a formar uma organização mais complexa, do tipo de uma igreja local, conectada com outras de mesma doutrina. Nesses grupos e escolas, as mulheres em geral tinham participação ativa. Os gnósticos cristãos mantinham grupos próprios dentro das Igrejas.

Por serem adversos às coisas materiais, os gnósticos não criaram liturgias complexas. Os textos abundam em símbolos, que encaminham a mente para os mistérios dos mundos superiores. E referem alguns poucos rituais como os atos purificatórios, as bênçãos e a ritualização dos mitos mais importantes. Uma exceção é representada pelos mandeus, que se distinguem por terem desenvolvido um riquíssimo repertório de orações e cerimônias.

A ética gnóstica toma como referência básica a rejeição ao mundo material, bem como a todos os laços terrestres. A desconsideração das coisas deste mundo pode conduzir, logicamente, ou às disciplinas ascéticas, ou ao descuidado licencioso. Neste último a pessoa sente-se livre das leis, que considera ilusórias, podendo desafiar as convenções para manifestar sua liberdade. Mas é notável que foi somente através das críticas cristãs que se teve notícia de práticas licenciosas entre os gnósticos. Muito mais importante é a discussão – abafada nos autores cristãos mas extensa nos próprios textos originais – contra o formalismo moralista e a burocratização centralizadora da Igreja cristã. É o conflito,

ainda atual, entre a agilidade e criatividade dos pequenos grupos, e o conservadorismo pesado das grandes instituições que perderam seu antigo interesse por mudanças.

Em vez de sumarizar pequenas notícias sobre dez ou doze grupos gnósticos antigos mais conhecidos, vou me restringir aqui apenas à comunidade dos mandeus. Mas antes devo ao menos citar quatro personalidades que encarnam bem aspectos típicos da gnose.

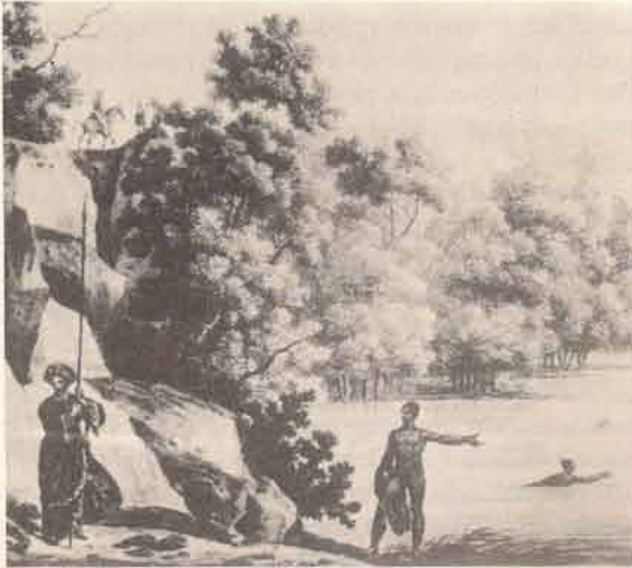
**VALENTINO** nasceu no Egito, estudou em Alexandria, mas viveu em Roma entre os anos 135 e 160, onde exerceu influência considerável sobre a Igreja cristã. Seu contemporâneo Tertuliano, o mais erudito e fecundo autor cristão da época – e que escreveu uma obra contra sua doutrina, afirma que ele chegou a ser candidato ao episcopado! De seu ensinamento nasceram duas escolas, uma itálica e outra na Ásia Menor, ambas conhecidas através de obras de vários de seus mestres. Irineu de Lião dedica-lhe a maior parte de seu *Adversus Haereses*. Ele representa o ponto alto da especulação gnóstica sírio-egípcia, lançando uma ponte da gnose para o cristianismo.

**MARCÃO** nasceu numa família cristã, no início do século II, às margens do Mar Negro. Mas tinha idéias próprias, com traços da influência gnóstica. Após algumas tentativas de manter-se incorporado à Igreja, foi excomungado em Roma, no ano de 144. Fundou então comunidades que se distinguiram por sua boa organização, perdurando até o século VI. Sua doutrina é basicamente o anúncio de um novo Deus do amor, revelado por Jesus Cristo, que supera o demiurgo descrito no Antigo Testamento. Marcião foi condenado por nada aceitar do judaísmo. Alguns estudiosos nem o consideram um gnóstico, pois é basicamente cristão. Representa o outro lado da ponte.

**BASILIDES** personifica o típico mestre atuante na cidade de Alexandria. Até hoje existem nessa cidade pequenos grupos gnósticos esparsos, que fazem parte do seu ambiente. Basilides viveu nos três últimos quartéis do século II. Nada tem de cristão. Mas seu entusiasmo e brilho intelectual despertam a admiração de seus principais críticos, Irineu de Lião e Hipólito. Deles nos chegaram exposições conflitantes sobre sua doutrina, certamente por misturarem seus ensinamentos com os desenvolvidos por seu filho Isidoro, e pelos epígonos de sua escola, que se manteve aberta por algumas gerações.

No século seguinte viveu **MANES OU MANI**. Nasceu na Babilônia, em 216. Com vinte e três anos começou a pregar uma nova revelação, que lhe havia sido comunicada por um alto ser celestial. Passou sua vida viajando, a ensinar e organizar comunidades. Quando





Vista do Rio Jordão no local onde se acredita que Jesus Cristo foi batizado por São João, Gravura de Hippolyte Lecomte.

voltou à Pérsia, foi condenado pelo clero zoroastriano e crucificado em 277. Sua doutrina representa o ponto extremo na tendência a separar Espírito e Matéria, Luz e Trevas, vistas como dois princípios eternos irreconciliáveis. Exerceu uma influência duradoura em todo o pensamento ocidental. O maniqueísmo tornou-se uma religião numerosa, estuário natural para os movimentos gnósticos no século IV. Chegou a ameaçar a supremacia cristã. Foi perseguido a partir de 380, quando o cristianismo tornou-se religião oficial do Império Romano. As notícias sobre o maniqueísmo se perdem no século VII. Mas suas idéias irão florescer em vários movimentos heréticos no correr da Idade Média.

**A TRADIÇÃO DOS MANDEUS** — Vamos então nos deter num dos grupos mais interessantes e menos conhecidos entre os gnósticos. O único que sobreviveu até nossos dias, numa sequência ininterrupta de gerações de sacerdotes e fiéis.

Infelizmente não tive acesso direto às informações atualmente mais autorizadas, os três volumes editados por Kurt Rudolph entre 1960 e 1965, em Stuttgart. Seguirei então o ensaio de Henri-Charles Puech, citado na bibliografia, além de artigos em obras de referência recentes, que levam em conta o estado atual das pesquisas.

No final do anos quarenta, contavam-se umas cinco mil pessoas pertencentes à religião dos mandeus. Viviam na cidade de Basra e em suas vizinhanças, no delta mesopotâmico, região antigamente conhecida como Khuzistão, hoje dividida entre o Irã e o Iraque. Seus compatriotas os chamam de *Subba* — mergulhadores —, o que podemos traduzir muito bem por

“batistas”, conforme a etimologia grega desta palavra. Eles próprios se denominam *Mandaiya*, que significa literalmente “os conhecedores”, ou seja, os gnósticos. São artesãos e pequenos comerciantes, agrupados em comunidades, que a custo mantêm sua identidade contra as investidas do ambiente islâmico.

Em outros tempos conheceram um status de muito maior prestígio e opulência. A notícia mais antiga que a Europa guardou sobre os mandeus deve-se a um bispo nestoriano do século VIII, que julga que sua doutrina deriva de grupos marcionitas e maniqueus. Sempre atraíram a curiosidade dos missionários cristãos, devido ao uso constante de ritos batismais. A partir do século XVI tornam-se mais volumosos os registros, em cartas e livros de viajantes, de curiosas observações junto a suas comunidades na Mesopotâmia do Sul. Ficaram conhecidos como mendai, sabeinos, nazoreus de Yahâ, e outros nomes. Embora nada tenham de cristãos, é sob o nome de cristãos de São João que são estudados ainda neste século, pelo conhecido *Dictionnaire de Théologie Catholique*, editado em 1932.

Como resultado de tantas abordagens, grande número de manuscritos mandeus foram parar nas bibliotecas européias, sendo as principais coleções as de Paris, de Oxford e do Vaticano. Mas foi só no século passado que se conseguiu decifrar inteiramente sua escrita, aparentada ao aramaico, o que deu lugar às edições críticas e às interpretações sistemáticas.

No início do nosso século, quando essas publicações alcançaram divulgação, foi levantada com entusiasmo a hipótese de serem os mandeus os antecessores diretos do cristianismo, como que o substrato ideológico do qual nasceram a teologia e as práticas sacramentais dos seguidores de Jesus. Realmente existem indícios curiosos nesse sentido. Seguiu-se uma forte onda de noticiários e pesquisas em torno da “questão mandéia”, que ocupou a imaginação dos estudiosos. Mas após alguns anos a hipótese foi abandonada, por não apresentar maior consistência.

O mais intrigante é como esse grupo que está no delta do Rio Tigre tenha uma ligação tão decisiva com a tradição de João — que eles chamam de Yahâ — Batista, além de usar tantos termos e conceitos judaicos, inseridos na base cultural mesopotâmica que lhe é própria. Atualmente se considera como mais provável a hipótese de que a origem dos mandeus esteja numa seita judaica ligada ao grupo de João Batista e que tenha migrado da Palestina na época da fatídica insurreição de Bar Kochba, por volta de 125 d.C.

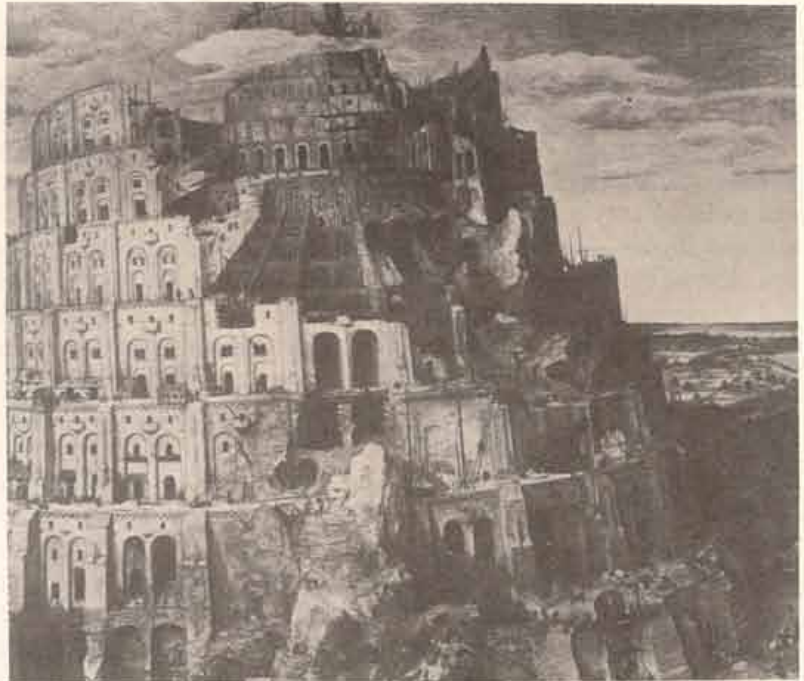
Outras comunidades judaicas já se achavam instaladas na Mesopotâmia de então. Para seu novo habitat, os mandeus levaram um dinamismo religioso que



soube ganhar adeptos. Também soube assimilar outras tradições. São fortes, por exemplo, os sinais de um intercâmbio de influências recíprocas entre mandeus e maniqueus.

Vista desse modo, a formação do mandeísmo corresponde a algumas das características que já indiquei acerca do ambiente que deu origem a toda a gnose.

**TEXTOS E MITOS MANDEUS** – Os grandes manuscritos conhecidos chegam a datar do século V d.C. São, na realidade, compilações onde se justapõem desordenadamente textos de diversas épocas, variados gêneros literários de valor bem desigual. Esses agregados apresentam inclusive textos de outras seitas, o que não é de se estranhar em manuscritos de origem popular e semita.



Os povos unidos da Babilônia quiseram chegar ao céu com a Torre de Babel.

As três compilações principais são:

1. **GUINZÂ** ("O Tesouro"), reunindo textos em prosa e em poesia, na forma de hinos, tratados, exortações morais, narrações históricas e novelísticas. O conjunto se divide na "Guinzâ da Direita", com 18 tratados, principalmente sobre cosmologia e moral, e na "Guinzâ da Esquerda", contendo 94 pequenos trechos tratando em geral da alma e de sua viagem para dentro das regiões que se estendem após a morte.

2. **QUOLASTÂ** ("Quintessência") ou o "Livro das Almas", composta de 113 diferentes textos que transmitem instruções para a liturgia, orações, prescrições para a vida cotidiana. Também trata de orientações para a jornada da alma depois da morte física.

3. **SIDRÂ YAHÂ** ("Livro de João"), contendo 37 peças heterogêneas.

Outros manuscritos estão ainda sendo traduzidos.

A complexidade desse material favoreceu o surgimento de diversas hipóteses tentando conferir algum ordenamento cronológico a esse quebra-cabeça literário. Não se pode, por exemplo, falar de uma cosmogonia mandéia, já que existem rudimentos de uma série delas. Em todo caso, a partir da análise comparativa dos textos, os investigadores concordam em afirmar que a tradição mandéia evoluiu desde um antigo fundo de mitos babilônicos e caldeus, rudes e politeístas, até um monoteísmo expresso em belas

abstrações simbólicas. São evidentes o forte contato inicial com o judeu-cristianismo, além do influxo de elementos das religiões iranianas. Segue-se um período de elaboração, em que esses substratos tomaram uma forma teológica e litúrgica canônica, na doutrina do Grande Rei da Luz – *Malkâ Râbbâ d'Nburâ* –, o Redentor. Posteriormente, a influência do Islã se faz notar em especulações com uma ênfase monoteísta mais definida, assim como no maior reconhecimento do nome de Allah.

O fator comum que emerge com maior clareza no conjunto dos textos é o dualismo, expresso nas imagens de um incessante embate de seres míticos, tanto no plano cósmico quanto no plano da história das comunidades ou no plano interno ao ser humano.

De um lado está o Grande Rei da Luz, também denominado o Grande Vaso – *Manâ Râbbâ* – ou o Grande Espírito. Ele se assenta no seio de uma água branca e brilhante, o éter, animada por um fogo de vida, povoada por inumeráveis seres celestiais. Desse elemento fluido emanam a vida e suas qualidades. Às vezes, ao lado de *Manâ Râbbâ* aparece seu aspecto feminino, *Dmuth Haiyê*, a Imagem da Vida.

No pólo oposto está a água negra, espessa e opaca do caos, onde circula um fogo devorador. Ali habitam seres horríveis, *djins*, *lilths* e *satans*, submetidos ao jugo de uma corte de demônios superiores, como a poderosa *Hevath* ou *Rubâ* (o vento, ou espírito) e seu filho e amante, o gigante *Our*, rei das trevas.

O confronto fundamental entre esses dois reinos vai se tecendo em relatos os mais variados,



desenrolando-se através de diversos novos personagens que vão sendo gerados. No primeiro grupo salienta-se a figura de *Manda de Haiyê*, o Conhecimento da Vida. No outro lado estão os filhos de *Rubêe Our*, os Sete – planetas – e os Doze – constelações do Zodíaco. A criação do mundo e do homem acontece em meio a esses combates ardilosos. Conta-se como o corpo do ser humano foi formado pelos Sete, como um animal inteligente e orgulhoso. Mas *Manda de Haiyê*, derrotando temporariamente seus inimigos, trouxe da Casa da Vida um *mana*, uma qualidade luminosa. Insufiou-a no primeiro Adão, iniciando-o desse modo na ciência da verdadeira Vida. O ser humano tornou-se assim um estranho entre as demais criaturas, portador de um anseio que contradiz as potências que governam seus apetites, capaz de combatê-las mas vulnerável às suas tentações. Em torno da peregrinação existencial e histórica do homem prossegue agora a infundável luta.

Alguns textos apontam cada um dos Sete como responsáveis pela fundação das falsas religiões, entre as quais o mazdeísmo, o judaísmo, o cristianismo, o maniqueísmo, o islã. Essas doutrinas errôneas perseguem a religião verdadeira, personificada em *Miryai*, uma virgem nascida do consórcio de Babel com Jerusalém – cidade fundada por *Our*. Ela consegue fugir para o deserto, onde é instruída por João Batista e Enoch. De João se diz que por quarenta anos ensinou o verdadeiro batismo no rio Jordão, e também batizou Jesus – encarnação do deus *Nbu* ou Mercúrio –, exortando-o a abandonar seus erros.

São previstas rudes perseguições aos fiéis da religião do Conhecimento. Depois, uma catástrofe final do mundo – apresentada em imagens que lembram a apocalíptica judaica e cristã primitiva –, sob a ação do monstruoso *Leviathã*. Dessa desgraça serão salvos os homens fiéis e justos, que receberão como recompensa um lugar nos templos de cristal do mundo da Luz, onde já habitam as almas dos mortos que para lá conseguiram se elevar.

**O CAMINHO DA VIDA** – A vida humana, portanto, é encarada como um tempo de provações, um exílio de sofrimentos e erros. A tarefa do ser humano é desapegar-se das coisas carnis, cultivando sua vida espiritual, até que venha o anjo da morte física, *Soriel*, o Libertador. Aí se inicia uma outra jornada, através de reinos sucessivos, em cujos portões se postam seres infernais que perscrutam a alma e suas marcas viáticas. Na última etapa, o próprio *Uthra* ancestral, potestade central do Reino da Vida, pesa numa balança as obras e os méritos de cada alma. No decorrer dessa jornada, alguns ficam acorrentados até o final dos

tempos. Aqueles que se distinguem pela fidelidade e retidão, entretanto, atravessam todas as provas com a ajuda de guias celestiais que trazem ao peregrino suas vestes de glória, a coroa da vitória, o turbante da luz e o toque de mãos iniciático.

Uma característica própria dos mandeus é sua vida litúrgica. Ela é que protege a alma, preparando-a para uma existência sem erros e para uma segura ascensão celeste. Os sacramentos se estruturam em torno do rito batismal, reiterado a cada domingo para todos os fiéis. *Masbutha*, o grande batismo de luz, é realizado em água corrente, considerada água viva – em contraste com o uso cristão de água parada e morta. Compreende um ritual sofisticado, durante o qual o sacerdote exorciza o curso d'água, tornando-o o Jordão simbólico, e depois preside à imersão dos fiéis, acompanhando-os ritualmente até a margem, com bênçãos e imposição de ervas. A cerimônia termina com uma ceia simples de pão e água consagrados. Hinos e orações acompanham toda essa liturgia.

Outra cerimônia característica é a *Massaqthâ*, a ascensão. Trata-se do batismo dos moribundos e ao mesmo tempo memória dos mortos. Consiste em abluções rituais e imposição de cinzas sobre a pessoa que vai morrer, acompanhada do perdão dos pecados. A morte não é chorada, mas homenageada através de um banquete ritual dos sacerdotes.

A comunidade, em geral, forma um grupo bastante separado e fechado, a *Kushâ*. A palavra significa “fidelidade, retidão”. E denota, também, o toque de mãos trocado entre os mandeus, sinal de pertença ao grupo e símbolo da participação no Reino dos Filhos da Luz, distintos dos “irmãos segundo a carne”.

Para manter as práticas cerimoniais, cada comunidade conta com um corpo de diáconos e sacerdotes, orientados por um superior. Homens e mulheres têm igual acesso a essa hierarquia. Os templos, na década de 1940, não passavam de pequenas cabanas reservadas aos sacerdotes, rodeadas por um pátio e um cercado. Estão localizadas sempre junto a um rio ou riacho. Um canal escavado na terra drena a água corrente através do cercado e do pátio, fazendo-a passar por uma piscina rudimentar, onde se cumprem os rituais menores.

O cotidiano do fiel mandeu consiste no trabalho, na convivência, nas orações e abluções prescritas por sua tradição. Não há jejuns, celibato, ou sinais de ascese, os quais são até ridicularizados por serem costumes dos monges cristãos. O código moral é simples, enfatizando a honestidade, os deveres familiares, a generosidade, o perdão. O mais alto preceito é a conservação da verdadeira fé. São condenados o adultério, a avareza, as práticas de magia e idolatria.



Oxalá essa tradição tão antiga, hoje numericamente enfraquecida, possa se revigorar através da renovação de suas próprias fontes orais e de uma nova compreensão do testemunho de seus mestres.

**INTERESSE ATUAL** — Com o ocaso do maniqueísmo, no século VII, desapareceu a tradição gnóstica de forma pública. Mas soube se manter de modo “subterrâneo” até nossos dias. Sua presença irrompeu, por exemplo, entre os bogomilos, que organizaram uma Igreja na região dos Balcãs, entre os séculos X e XV. Ou, para espanto do *establishment* cristão, ela reaparece fragmentadamente na Europa central, no século XI. Após duas gerações de novo ocultamento, ressurgiu com todo vigor entre os cátaros e os albigenses, provocando uma cisão interna na França, assim como a violenta guerra de 1209-1244. Pode-se assim acompanhar os ecos das idéias dos antigos gnósticos através de muitos movimentos religiosos, alternativos ou esotéricos, até o presente.

Nesse sentido, não posso deixar de citar um movimento atual que tomou a iniciativa de se colocar como solidária à herança dos gnósticos, a *Gnose de Princeton*. Não se trata de um grupo religioso, mas de uma proposta de cientistas, nascida nos anos setenta. Eles se propõem a encarar a ciência ocidental e o universo espiritual como realidades indissociáveis.

Pessoalmente, acredito que estamos no início de um novo período de investigações dotadas de uma visão planetária e de uma sensibilidade às possibilidades do paradigma emergente. Creio que os movimentos gnósticos representam um modo especial da autêntica aspiração humana pelo conhecimento sem limites. Um modo que busca ou é agraciado com o acesso direto às fontes desse conhecimento. Realiza seu caminho num terreno preponderantemente mental. Seria interessante traçar uma comparação detalhada com algumas tradições do Jñani Yoga, ou com alguns reconhecidos mestres sufis, como Al Ghazali ou Ibn Arabi. Sem dúvida resta muito a aprender.

O que considero mais importante é que a tarefa primordial dessa busca como que mudou de vetor em nossa época. Para os antigos, a aspiração anímica se dirigia ao processo de “ascensão” da alma aos reinos



Foto da Fendhorn Foundation

do Espírito, pretendendo com isso libertar-se da prisão do mundo material. Se escutarmos o testemunho de Teilhard de Chardin, Sri Aurobindo, Ken Wilber ou tantos outros de nossos contemporâneos, em nosso tempo se abrem as possibilidades de um Yoga integral, cujo objetivo é assumir nossa vida material de relacionamentos e trabalho, e deixar que o Espírito a transforme. Não mais afastar-se do mundo, mas acolher o Espírito dentro da Matéria.

Isso não nos coloca *contra* os gnósticos antigos. Enquanto eles afirmaram um aspecto da realidade que é a diferença entre vida espiritual e vida material, cabe-nos hoje afirmar a sua complementaridade dinâmica e complexa. Eles buscaram o movimento

ascendente da alma a Deus. Cabe-nos buscar ou pedir, além disso, a descida do Espírito para dentro da vida cotidiana, por assim dizer completando o círculo. Não mais separar as polaridades básicas de nossa vida, mas realizar sua misteriosa e simples unidade.

Se estivermos realmente *nos* preparando para uma nova etapa, certamente os gnósticos ajudaram a prepará-la *para nós*. ▲

#### BIBLIOGRAFIA

- Charon, Jean E., *O Espírito, este Desconhecido*, São Paulo, Melhoramentos, 1986.
- Danielou, Jean e Marrou, Henri, *Nova História da Igreja*, Petrópolis, Editora Vozes, 1966, Volume I.
- Jonas, Hans, *The Gnostic Religion*, Boston, Beacon Press, 1963.
- Maia, Márcia, *Os Evangelhos Gnósticos*, Ed. Mercuryo, São Paulo, 1993.
- Rudolph, Kurt, “Gnosis, una concepción del mundo de la antigüedad tardía”, in *Selecciones de Teología* nº 106, (abril-junio), Barcelona, Instituto de Teología Fundamental, 1988.
- Pagels, Elaine, *Os Evangelhos Gnósticos*, Cultrix, São Paulo, 1991.
- Pearson, Birger A., *Gnosticism, Judaism and Egyptian Christianity*, Minneapolis, Fortress Press, 1990.
- Piech, Henri-Charles, *Le Mandeisme*, in *Histoire Générale des Religions*, Paris, Lib. Aristide Quiller, 1948, Tome III.

#### FOTOS E ILUSTRAÇÕES

- página 35 - foto reproduzida da obra *À Procura dos Mundos Perdidos*, Henri-Paul Eydoux, Edições Melhoramentos e Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1973.
- página 36 - idem.
- página 40 - idem.
- página 41 - detalhe da pintura de Peter Brueghel. Reproduzido da obra *Mitos*, de Alexander Eliot, Editorial Labor, Barcelona, 1976.



## EPIFANIAS

---



### Diálogo Zen

Os mestres do Zen habituam seus jovens discípulos a se expressarem. Dois templos zen tinham cada qual um garoto protegido. Um deles, que todas as manhãs ia em busca de verduras, costumava encontrar o outro pelo caminho.

“Aonde vais?”, uma vez este lhe perguntou.

“Aonde vão meus pés”, respondeu o garoto.

Esta resposta deixou perplexo o menino, que procurou a ajuda de seu mestre.

“Amanhã de manhã”, disse-lhe o mestre, “faça a mesma pergunta.

Você terá a mesma resposta, e perguntará: Faz de conta que não tens pés, aonde vais? Isso dará um jeito nele.”

Na manhã seguinte os garotos voltaram a se encontrar.

“Aonde vais?”, perguntou.

“Aonde sopra o vento”, respondeu o outro.

O rapazinho ficou outra vez desconcertado, e procurou o mestre para prestar-lhe contas de sua derrota.

“Pergunta-lhe aonde vai se não há vento”, sugeriu o monge.

No dia seguinte, ao se encontrarem de novo:

“Aonde vais?”

“Ao mercado, comprar verduras”.



---

**THOT** é uma publicação que não se limita a acompanhar as mudanças de idéias e fatos. **THOT** intervém nas mudanças, levando ao leitor as novas visões de mundo que surgem nas áreas da filosofia, das ciências, das artes, da mitologia e das tradições.

É nosso propósito refletir sobre a realidade interna e externa e compartilhar essa reflexão com nosso leitor: é ele o porta-voz dos novos rumos e aspirações que configuram o perfil de uma comunidade humana mais livre, responsável, compassiva e aberta. Assim é **THOT**.

Participe conosco dessa aventura no mundo das idéias e dos fatos.



**A Editora Palas Athena  
apresenta**

# AS MÁSCARAS DE DEUS *Joseph Campbell*

Volume I - MITOLOGIA PRIMITIVA  
Volume II - MITOLOGIA ORIENTAL

*Joseph Campbell*  
**AS MÁSCARAS DE  
DEUS**

*Joseph Campbell*  
**AS MÁSCARAS DE  
DEUS**



**MITOLOGIA ORIENTAL**

Editora Palas Athena

As Máscaras de Deus é uma obra em quatro volumes que retrata amplamente a instigante visão campbeliana das mitologias do mundo. Adepto da teoria difusionista, em As Máscaras de Deus Campbell se interessa por deslocamentos de povos em busca de espaços mais propícios. Desses movimentos geográficos e históricos, de que resultam superposições e sincretismos de crenças e mitos, extrai a confirmação da unicidade da raça humana, não só em termos biológicos, mas também espirituais. O primeiro volume, Mitologia Primitiva, refere-se aos povos caçadores e coletores. O segundo, Mitologia Oriental, lançado recentemente, aborda as mitologias que se desenvolveram sobretudo no Egito, Índia, China, Tibete e Japão. A ser lançados, o terceiro volume compara temas de arte, rito e literatura ocidentais; o quarto aborda a mitologia criativa – a esfera filosófica, espiritual e artística da cultura moderna: o homem como criador de sua própria mitologia.

Mitologia Primitiva - 418 páginas  
Mitologia Oriental - 448 páginas